

A ASPIRAÇÃO

ORGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE LITERÁRIA DO COLÉGIO MILITAR

Chefe da Secção de Publicações: RAUL BARBOSA ROSADAS

Redator-Chefe: CLEVERSON DA SILVA GOMES

Redator: ROBERTO ÂNGELO DE BARROS

ANO LV

1948

N.º 1

1889

*Manda para o
F03 - 1.11*



1948

O 59.º ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO MILITAR

Comemora, hoje, festivamente, o seu 59.º aniversário, o nosso querido e glorioso Colégio Militar, fundado por Thomaz Coelho, por decreto de 9 de Março de 1889.

A A "Aspiração", legítima expressão cultural da juventude deste Educandário, se associa, com este número que hoje dá à publicidade, aos júbilos de todos, Oficiais da Administração, Mestres e Alunos, que aqui trabalham por uma grande e benemérita obra comum de brasilidade e de educação. O nosso concurso aos galardões deste grande dia representa o melhor de nós mesmos e atesta a boa vontade de um punhado de jovens em manter, bem vivas, as tradições de inteligência e de patriotismo da nossa revista, fundada quase ao mesmo tempo que o próprio Colégio, por alguns visionários entre os quais se destacam, Felix Pacheco, Daltro Filho e outros ilustres brasileiros. É modesta sem dúvida a nossa contribuição à festa de hoje. Será um presente de pobres. Mas os presentes pobres têm, às vêzes, o sabor e o brilho das riquezas quando êles se impregnam do espírito, dos sonhos e da esperança dos moços; quando êles falam pela voz quente e varonil da juventude! Valem promessas e valem hinos! Oxalá, essas promessas e êsses hinos que vivem cantando dentro do coração dos cadetes de Thomaz Coelho jamais emudeçam pelo brilho da A "Aspiração", pela glória do Colégio Militar e pela grandeza do Brasil!

GUARARAPES

Prof. Ten-Cel.

MANOEL C. PROENÇA

GUARARAPES é mais que uma afirmação de bravura do homem brasileiro. Caracteriza de modo incisivo a primeira manifestação da nossa vocação para a liberdade, a primeira definição da nossa capacidade para nos constituirmos em nação independente.

E foi assim que no sopé daqueles montes, abandonados pela Metrópole que se perdia em sinuosidades de uma diplomacia coleante, em desigualdade de forças, revivemos o espírito bíblico do Rei David a defrontar o gigante.

Como inspiração divina, era a Liberdade que transfigurava aqueles heróis, fazendo-os transcender o sentimento de inferioridade colonial, adaptando-os de improviso ao armamento, que em luta desigual fora tomado ao próprio inimigo desde a batalha das tabocas. O ideal os iluminava de uma luz tamanha que não permitia distinguir negros nem índios dos portugueses fixados pelo coração e pelo espírito à Pátria que começava a se individualizar.

Lá estão de olhos fixos no inimigo, sem temor nem abalo, aqueles tenazes defensores do Brasil, que preferiram a devastação das riquezas da terra plantada e povoada de gado, ao jugo do conquistador.

Havia naqueles olhos o clarão dos incêndios que invadiam os canaviais na posse do inimigo, estalando os colmos entre as labaredas, calcinados com a mestria de índios acostumados a comandar o fogo, ateando chamas no pasto fora das épocas normais, matando o gado à fome, desamparado no meio das cinzas e da carvoeira das queimadas.

E o decorrer da batalha desmoralizou, por antecipação, as teorias de superioridade racial que tantos anos mais tarde ser-

viriam de justificação ao delírio bárbaro que flagelou a humanidade com a última guerra.

Aquêle exército autodidata era uma desordenada mistura de brancos, negros, mulatos, índios, mamelucos e tantos outros tipos mestiços das designações populares.

Contra êles, porém, de nada vale o azul dos olhos nem o louro cabelo dos flamengos, porque a espada rústica desses nativos se banha nas claridades de uma alvorada que é a própria aurora do Brasil Nação.

Nasce naquele dia o espírito democrático que há de nortejar para sempre os nossos destinos de povo e de estruturar a formação do Exército Nacional que, sem distinção de raças ou de origens, há de lutar nos campos do Paraguai e, revivendo Guararapes, hasteará de novo no tôpo de um monte o Pavilhão Nacional.

Muitos anos depois...

A terra é longínqua e Guararapes é Monte Castelo...

E' contingência dos povos ter que olhar sempre o passado para compreender o presente, a fim de não correr o risco de se desligarem de sua história e acreditar temerariamente que poderão resolver os problemas atuais isolando-os no tempo, sem levar em conta o processo evolutivo da formação histórica.

Revivendo os momentos difíceis e os instantes gloriosos que balizam a nossa existência de povo livre, acharemos a força que nos vem do exemplo redivivo a fé e a crença e para não desmerecer daqueles que em momentos mais trágicos e ainda nos primeiros dias da nacionalidade, acharam forças na própria fraqueza, para não deixar perecer as idéias de liberdade.

São de um historiador sisoado estas palavras que têm a força dos lugares-co-

mans, batidos pelo uso, mas aos quais a longa utilização não retirou o sentido axiomático.

"A civilização humana semelha-se em tudo ao homem: nasce chorando e sofrendo, passa grande parte da infância, até que se educa e se robustece. Se, pois, nos conformarmos com esta lei indeclinável, o Brasil pagava então grande parte do seu tributo."

Essas lágrimas já estão cintilando como estrelas de uma constelação numerosa com os nomes de Vieira, Barreto, Henrique Dias, Camarão e Vidal de Negreiros,

Mas não ficaremos a contemplar as estrelas sonhadoramente, porque novos prantos encherão nossos olhos.

E o brilho das estrelas não há de esmaecer, contemplando a nossa debilidade, visto que soubemos desvendar o simbolismo das lágrimas, em cujo sal se contém a grandeza eterna dos oceanos sempre inquietos e indomáveis e a força mitagrosa da água que é o rio profundo, nascendo e possuindo a terra, e é nuvem nas alturas em que pairam a poesia e a liberdade, a "liberdade peregrina", de Castro Alves, "esposa do porvir, noiva do sol".



ABERTURA DAS AULAS NO COLÉGIO MILITAR

ORAÇÃO AOS NOVOS ALUNOS

*Discurso pronunciado pelo Professor Sr. Capitão Médico
Dr. José da Nóbrega Espindola, por ocasião da abertura
ao ano letivo de 1948*

ALUNOS do Colégio Militar:

A OPORTUNIDADE de dizer-vos algumas palavras, no curso de uma cerimônia com a qual se celebra o início das atividades escolares nesta Casa — importa-nos em motivo de excepcional honra e, ao mesmo tempo, na outorga de árduo e quase excessivo cometimento de que nos investem o Sr. Cel. Comandante e o egrégio Corpo Docente.

Entre as hesitações e os receios que nos impõem o sentido e o senso da responsabilidade, — os quais, muitas vezes, obsedam e inibem — avultam, quase sempre, aquelas ou aqueles que surgem das próprias incertezas e dúvidas quanto à estimativa e aos limites das nossas deficiências e forças.

“Nem sempre será fácil, ainda que o pareça, dizer do que muito já se disse”.

Ao contemplar, assim — a extensão, o alcance, o brilho dêste espetáculo ao mesmo tempo álcere e austero, sentimo-nos, positivamente, indecisos e vacilantes, sem ao certo crer que lhe saberemos indicar — com a exatidão possível — a sua magnitude, a profundidade, e o mundo de coisas e reflexões que realmente comporta e sugere.

Entretanto, como ao estatuariário, que partindo do barro informe e sem vida, aos poucos modela e cria a sua obra de arte; assim, ao nosso espírito — com as restrições impostas pelo realismo da imagem —, se vão ensurgindo e compondo, em tons imprecisos e vagos, num fundo ainda obscuro e remoto, as primeiras representações capazes de fixar as ressonâncias e a opulência desta festa.

E as faculdades tôdas se apuram; os sentidos rapidamente se mobilizam; exaltam-se a sensibilidade e o poder imaginativo, numa ânsia dramática de elaboração, de equilíbrio e de síntese.

Ao chegarmos, porém, a êsse climax emocional, somos alertados, de certo por injunções mais positivas e consistentes, em volvermos à realidade e ao encontro do mundo objetivo e circunstante.

Nossa atenção, de pronto, converge sôbre êste recinto — rumoroso e amplo — a investigar-lhe desde logo as linhas da superfície, os seus aspectos e contornos mais exteriores e gerais.

E detêm-se, a seguir, mais largamente, ante o volume e intensidade de reações que, por certo, avultam e tumultuam na contextura psicológica de todo êsse material humano aqui presente.

Parece-nos, com efeito, que na atmosfera densa de vibrações emotivas, — adejam e se enlaçam imponderáveis alegrias e promessas envolventes.

Anelos incontentos, fantasias e devaneios juvenis — aqui se cruzam e estreitam em longos e fraternais amplexos.

Dúvidas e apreensões, melancolias e tristezas — se expungem e dissipam, como nuvens varridas após a tormenta.

Sonhos acalentados em alternativas ansiosas, — se objetivam e completam na certeza de uma realidade nascente, deslumbrante e vivida.

E o sentimento humano que se expande, na plenitude e força das impulsões afetivas, alentado ao calor dos mesmos ideais e asprações comuns, criando mundos novos, novas esperanças, reverdecendo ilusões e crenças.

Eis num esboço, — num flagrante breve e fugidio —, substância ideal; matéria prima abundante e sortida; paisagem humana rica e variada, — com

o que se poderia, em verdade, compor e mesmo perpetuar — como num milagre — um instante dentro da própria vida.

Como vemos, esta solenidade, promovida em obediência a imperativo regimental, assume, entretanto, características próprias. Há, nela, aspectos e peculiaridades que a conduzem a âmbito mais transcendente, a um plano de maior altitude, de onde se descerra e divisa horizonte mais amplo.

É tempo, porém, de advertirmo-nos de que não representa esta cerimônia apenas uma festa de corações; encantadora reunião onde se cuidam somente de coisas agradáveis, e róseas sutilezas.

De certo que não estaríamos aqui presentes unicamente com o fim de comemorarmos os júbilos e arroubos de uma matinada alviçareira e ruidosa, ao calor e ao entusiasmo das efusões que deslumbram e confundem os sentidos e o espírito.

Não nos esqueçamos de que este dia — é também o Dia D, o marco inaugural, a anteurora de uma outra manhã que se prenuncia na vida desta Casa e na própria existência de cada um de vós — alunos do Colégio Militar!

A partir de hoje — nova e brava jornada tendes a empreender.

Outra escalada ousada a exigir-vos revigorados e continuos esforços, labeis e lutas prováveis e necessários.

Porque os caminhos, aí, nem sempre serão planuras reais — largas e abertas —; edênicas regiões — orvalhadas e amenas.

Haverá, nêles, com certeza, a alternância e o imprevisto das curvas e das retas; das ravinas e depressões que se sucedem e intercalam com intermitências desconcertantes.

E experimentareis, no curso dêsse peregrinar, as sensações e perspectivas que se surpreendem no alto da montanha e na solicitude ou no abandono das longas estepes perdidas e monótonas.

Tereis, sem dúvida, à vossa frente, águas remansosas e tranquilas — algumas vêzes; de outras — o revoltear e o assomo das fortes corredeiras e hiantes remoinhos.

Não serão, porém, tais obstáculos, de tamanha monta ou qual natureza que não possam ser vencidos; ou vos façam deter, mesmo por um instante, a imperativa ordem de marcha.

Nem serieis, tampouco, dignos desta coletividade, se pensásseis, um minuto sequer, em resignar ou vos curvar aos receios e tibiezas ante um convite à luta e à arena.

Mostrai-vos, pois — e sempre —, resolutos e fortes como os que aqui passaram e que foram muitos e valorosos.

Segui as normas e preceitos desta Casa; sede obedientes, estudiosos, disciplinados; tende estima e respeito a vossos mestres e superiores hierárquicos; amai ao vosso Colégio, zelando-lhe o passado de tradições e de glórias; que — ao fim, tereis conquistado as recompensas e os louros.

E para isto, posso assegurar-vos que contareis com o melhor empenho e assistência de nossa parte.

Encontrareis na direção dêste Colégio Militar, como responsável supremo dos seus atuais destinos, um pulso firme de soldado — seu antigo aluno — que hoje o conduz com sabedoria e engenho; a intei-reza, o equilíbrio, o brilho e o acerto dos grandes comandantes de que êle, realmente, se envaidece e orgulha.

E êste não medirá esforços ou sacrificios — pois é uma constante preocupação da sua sensibilidade —, em propiciar-vos, — além do amparo no plano moral que nunca vos faltou, — as condições possíveis de comodidade e bem estar tão necessárias à vossa permanência nesta Casa.

No objetivo e consecução desta obra de adaptação, de instrução e educação do aluno criança ou jovem, — não será demasiado encarecermos a absoluta necessidade: a ajuda recíproca — imperiosa e indispensável; a colaboração estreita e efetiva entre o professor e os pais, — o educandário e o lar.

Serão dois elos que se completam. Duas forças ativas, conjugadas e paralelas, atuando sinêrgicamente num mesmo sentido e com um mesmo fim.

Dois destinos irmãos, inseparáveis entre si, e, tanto um como outro, grandes nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Os Srs. pais devem naturalmente bem compreender e aceitar, de boa vontade, a importância e o alcance dêste apêlo.

Uma ocorrência de poucos dias, assinalada nos registros da imprensa, nas celebrações e no culto da família e dos íntimos, — deu-nos conhecimento do

centenário de nascença de um vulto realmente extraordinário e talvez, entre nós, ainda não superado em seus méritos e no seu sacerdócio.

Antigo preceptor da Escola Militar da Córte, Felisberto de Menezes — que tem o seu nome insculpido em um dos nossos pavilhões de aulas —, foi, nesta Casa — nós o sabemos, — gigante na ciência e na arte do ensino; o mestre insigne e primoroso de que as gerações não se esquecem; e para quem o tempo e a lembrança são apenas ensejos de maior consagração e glória.

Neste Colégio Militar, a quem esse mineiro illustre tanto enalteceu e honrou, marcando-lhe os fastos de uma época, — ainda chegam os eflúvios e ressonâncias d'este 23 de fevereiro último, os quais se reafirmam e revivem neste instante e em especial reverência.

Não poderíamos, ainda, neste dia de regosijos e de festa, nesta Casa, e em momento como este, omitir um sentimento de saudade, uma nota grave de melancolia, numa evocação à memória de um outro amigo e companheiro nosso, varão não menos illustre e inclito.

Ao professor emérito, de alma peregrina, o qual até bem pouco tempo tiramos entre nós como dos mestres mais doutos e capazes, e para quem, a esta hora, o mundo dos vivos não é mais o seu.

Dele, poderíamos dizer: "seu verdadeiro conselho não foi a palavra, e sim, a ação, a pureza e a moralidade da sua existência exemplar".

Aos que aqui se encontram — docentes e discentes —, lembraremos a figura austera do Professor Júlio de Matos Ibiapina, rendendo-lhe esta homenagem — simples e justa — como o foram o seu coração e caráter —, pelo muito com que soube dignificar e engrandecer o magistério e o Colégio Militar.

Meus jovens camaradas!

Há ainda algumas palavras a dizer, desta vez a vós precisamente endereçadas.

A vós que sois o cerne magnífico, lenho e selva miraculosa — desta velha, querida, augusta e frondosa árvore que é o Colégio Militar!

Aos novos — os que vem de aqui ter ingresso —, devemos lembrar-lhes que este é, sem dúvida, o nosso primeiro encontro, a expectante e prudente tomada de contacto, o instante realmente auspicioso, revelador das primeiras imagens e impressões, — que se gravam e perduram longo tempo.

E' que êles, em verdade, cruzaram os pórticos do Colégio Militar.

Peregrinos audazes — e de fibra, acabam de chegar à terra de Canaan, ao maravilhoso país das quíneras douradas, de dádivas fecundas e radiosas claridades, fonte de inexauríveis encantos e da eterna sabedoria, onde a tradição e a lenda são motivos de estranho e misterioso fascínio.

Cavaleiros andantes, cruzados liliputianos, — acham-se ainda embevecidos e perturbados, exultantes e confusos, por certo exaustos de absorventes canseiras e extraordinárias fadigas, entregues a essa espécie de bem-aventurança contemplativa, amolecimento sensorial imperceptível e envolvente; o qual sobrevém, muitas vêzes, ao têrmo das grandes horas decisivas, ao atingir-se, afinal, às alturas e culminâncias do objetivo visado.

Nesta Casa, serão êles recebidos com uma solicitude especial, a estima e as veras simpatias de todos os que aqui mourejam, os cuidados e as atenções que nos inspiram e que de nós exigem aquêles que serão, sem dúvida, os nossos irmãos mais mocos — os caçulas da comunidade.

Quanto aos outros — os nossos amigos veteranos —, com êles estaremos mais a vontade, como que nos ajustes e confidências de uma reunião em família. Onde se revêem e evocam fisionomias conhecidas; desdobram-se e sucedem acidentês e paisagens identificados. E, mais ainda, reatam-se e consolidam velhas estimas e amizades duradouras.

Constituem, sem dúvida, êsses jovens colegiais, a evidente maioria em nossa massa de alunos. E representam as forças de choque, — a vanguarda decidida e intrépida do Colégio Militar.

A êles, não seria demasiado insistirmos sôbre a necessidade e mesmo a conveniência de um compromisso a que não poderão, nem devem faltar.

E' a promessa de sua colaboração ativa e constante; a palavra e o empenho da sua ajuda e experiência de irmãos mais velhos, — que os fazem com

acerto — de mentores e guias mais próximos dos seus irmãos e amigos mais novos — que chegam.

Com relação a estes últimos — aos novos, cumpre-nos lembrar aos veteranos, entre outros deveres, não só aquêles de os esclarecer, preservar e conquistar com a devida bondade e sabedoria, como também — e sobretudo — o de dar-lhes bons e sadios exemplos de disciplina, — de ordem, de amor aos livros e aos estudos; e ainda os de indispensável estima e respeito ao próximo, principalmente aos mestres e oficiais instrutores.

Devem ainda estar lembrados de que o Colégio Militar é uma terra de todos, um rincão liberal e magnânimo, e não uma área estreita e opressiva de consulado ou de feudo.

Para os alunos — antigos e novos —, não haverá, pois, nesta Casa, limitações e hierarquias outras senão aquelas consignadas nos regulamentos, em função das próprias necessidades e exigências indeclináveis da disciplina e do ensino num estabelecimento militar.

Assim — veteranos e calouros, alunos antigos e alunos novos —, hoje se misturam, confundem-se todos nessa guapa revoada de crianças e rapazes resolutos e bravos, que aqui convergem de tôdas as incidências de nosso território, deslocando-se, vezes sem conta, de sertões invios e recuados e de regiões fronteiriças e remotas, e que vencem, num fôlego, distâncias infindas e as restrições fisiográficas, rompendo injunções afetivas e resistências de toda ordem.

Não é raro que sacrifiquem a comodidade e o conforto de uma situação econômica satisfatória e propícia, ou o aconchêgo, os encantos, as ternuras e blandícias da família e do lar; a companhia de bons amigos, o amor entranhado à "estância" ou à velha "fazenda"; o apego instintivo à terra natal.

A tão considerável quota de sacrifícios e de renúncias, contrapõem e condicionam apenas um ideal de perfeição, para o qual são compelidos, algumas vezes mesmo, por forças subterrâneas e inconscientes, numa sede irreprimível de aprimoramento do espírito e de conhecimentos do mundo exterior, em busca de um motivo, uma substância, um conteúdo moral, científico ou filosófico, capaz de norteá-los o rumo da existência ou satisfazer-lhes os anseios e tendências da personalidade.

Aqui estão eles — veteranos e calouros —, os jovens do Colégio Militar. Outra vez tumultuando aléas e saguões da Impertérrita Cidadela.

Garbosos nos seus uniformes, onde refulgem o castelo e a estrêla; sorridentes, confiantes, disciplinados e coesos.

Fração ponderável da mocidade dêste nosso Brasil, oriundos de tôdas as classes e meios sociais, serão eles, sem dúvida, os varões de amanhã. A substancial reserva ontogênica de energias e virtudes da raça.

Eandeiранtes do porvir, serão os herdeiros de direito e, de fato, depositários e continuadores das tradições e glórias desta Casa de Tomás Coelho.

São eles ainda — nós o sabemos —, essa mocidade espartana, leal, desassombrada e heróica, que não conhece os temores nem as restrições, o opróbro ou as tiranias que aviltam e degradam a natureza e a existência do homem.

Felizmente indene — e Deus queira imune, ante às doutrinas e o messianismo que subvertem e conspiram contra a unidade e o equilíbrio do mundo, conserva-se, entretanto, essa mesma mocidade, permanentemente alerta, vigilante e ativa na preservação dos ideais, dos códigos e princípios éticos em que se fundam e se esteiam a nacionalidade e a própria civilização.

Como sempre, acima dos homens e das coisas, têm êsses jovens os olhos e os corações voltados sobre o auri-verde pendão, o pavilhão imarcessível do Cruzeiro do Sul, signo santo sob o qual nascemos, vivemos e, por certo, um dia teremos de partir, honrando, porém, a memória de nossos antepassados e abençoando, numa derradeira prece, a essa entidade imaterial e sutil, intangível, amável e eterna, que se chama — PÁTRIA!

I D E A L

Qual o motivo de nosso aparecimento no mundo? Qual a razão de existirmos?

— Este motivo, a causa da existência humana, é o a que se chama *o aperfeiçoamento espiritual*.

Ao ser criado o universo, não existia vida alguma. Com o tempo, porém, foram surgindo animais rudimentares. Passaram-se séculos e estes animais se aperfeiçoaram. Todavia, de que adiantava a presença destes seres animados que só viviam com o corpo e, logo, desapareciam, tragados pelo tempo infindo? Era necessário, então, um meio de se perpetuarem as almas: Surgiu, mais tarde, o homem, e com ele apareceu, também, a despeito de seu raciocínio, a linha do mal, paralela à do bem.

Desde tempos passados tem havido pessoas que procuraram eliminar do mundo esta maldade que, até hoje, existe. Isto não quer dizer, porém, que o trabalho delas fôsse perdido, visto como tudo de bom é, ainda que imperceptivelmente, aproveitado. Esses seres citados deixaram, contudo, um exemplo imorredouro de que todos devemos ter um ideal que seja constituído pela nobreza da dedicação ao próximo. Somente assim será conseguida a compreensão total da humanidade e, conseqüentemente, uma felicidade geral.

Um homem sem ideal é um eterno escravo das circunstâncias, podendo mesmo ser comparado aos primitivos animais que viviam de modo vegetativo. No entretanto, essas criações iniciais da natureza eram destituídas do raciocínio, esta maravilhosa faculdade da qual todos nós gozamos. A essa infeliz criatura, despojada de vontades próprias, acontecerá que, um

dia, a esponja inevitável da morte lhe apagará a existência, ficando, em lugar da matéria desaparecida, um espaço vazio e prontamente olvidado. Isto constitui um exemplo típico dos "que passaram pela vida, não viveram".

Por outro lado, há frequentes casos em que se nota a fraqueza de indivíduos para o combate constante que o mundo nos apresenta. Esses formam o grupo dos que foram derrotados na pugna vital.

Todos nós padecemos das intempéries assoladoras dos diversos caminhos que conduzem ao ideal. Porém, que são pequenos sofrimentos comparados com a paga espiritual indescrevível do cumprimento do dever? Que prêmio maravilhoso não é o de se morrer com a alma tranqüila e feliz por ter-se praticado o bem, durante a vida? Estas incomparáveis recompensas obrigam-nos a prosseguir na marcha, sem desfalecimentos. Além disso, há necessidade extrema das desilusões, para valorizar as conquistas. De que valeria um triunfo ganho sem esforço, ou um desejo realizado por nossa própria vontade, sem nenhuma oposição exterior? A vitória fácil seria como que conseguida com o auxílio da desonestidade que sempre nos martilizaria. Tudo deve ser obtido pelo trabalho, porquanto, se o não fôr, o que, porventura ganharmos constituirá o fruto do labor alheio; o mesmo caso de colhermos o produto de sementes que não plantamos.

Lutemos, pois, pelo nosso ideal! Não nos deixemos nunca levar pelos fracassos que, muitas vezes, aparecerão nesta árdua, mas dignificante estrada da vida!

AOS COLEGAS

Dos que escrevem, o melhor amigo é, indubitavelmente, o leitor, porque é êle quem nos estimula, cada vez que entramos, uns e outros, em contato direto.

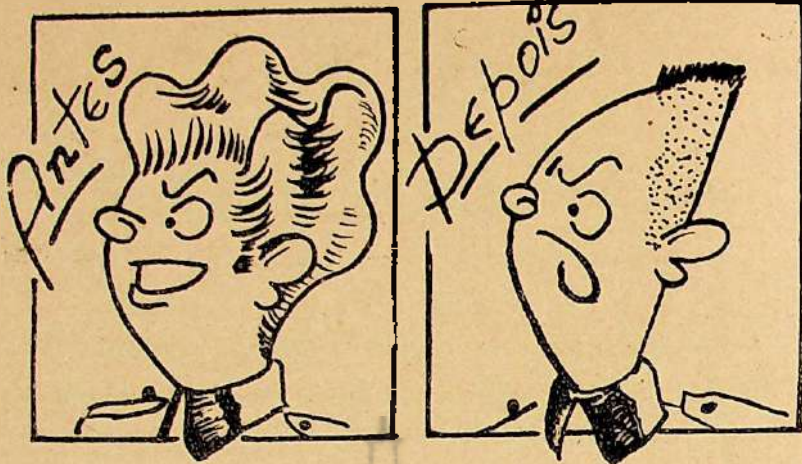
Eis-nos, leitor amigo, diante de ti, perante o teu julgamento, que tem um duplo valor: o intelectual e o histórico, o primeiro dos quais tem o poder de garantir a existência do segundo no registo imperecível da posteridade.

Não visamos a imortalidade. Apenas queremos que nos julgues, uma vez que és supremo juiz. Porém, pese na balança que somos gente nova, inexperiente, cujo único galardão é a satisfação de que formamos com os que mantêm viva no coração a chama ardente da boa vontade e da perseverança. Somos somente estudantes bem intencionados, e os nossos horizontes não vão além das fronteiras do Colégio Militar que aprendemos, desde há muito, a estimar como a casa paterna.

Isto posto, companheiro de estudos, ou quem quer que nos leia, perdoa-nos os erros, que não somos doutos.

Fiquem, pois, aqui patentes os propósitos inabaláveis que temos, de te servir — e êste é o nosso único objetivo.

A REDAÇÃO



"Cadete" - o corte oficial no C. M.

ESPAÇO CULTURAL COLÉGIO THOMAZ COELHO
 COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO



O símbolo da 1.ª Companhia de Infantaria

Uma Pagina de Saudades

Dedicado aos

Exmo. Sr. General Gustavo Cordeiro de Faria

Cel. Carlos Autran Dourado, ex-sub diretor do Ensino

Nosso mestre, Maj. Júlio de Mattos Ibiapina.

E ex-colegas.

*Mestrinho Guasque e
Malheiros da Graça*

Esta é a última carta que vos escrevemos: é a nossa despedida: é uma prova de que nos lembraremos de vós.

Exmo. Sr. General, nunca olvidaremos o que por nós fizestes e nem tampouco que sois um ex-aluno que honrou o nome do nosso Colégio galgando o pináculo da carreira que abraçastes, cujos primeiros passos foram dados e orientados neste semi-secular Estabelecimento.

Soubestes conseguir a nossa admiração e, por isso, não podíamos deixar de dar-vos o nosso sincero e triste adeus.

Abram-se as portas do céu para receber um homem que foi antes de tudo um justo.

Saudoso Cel. Dourado, quando deixastes a sub-diretoria do Ensino nos fizestes sentir a vossa falta, mas nos confortava a idéia de saber-vos distribuidor de justiça em outro lugar, porém agora, que Deus vos chamou, para premiar-vos, sentiremos eternamente a falta daquele cujo único objetivo, em vida, foi minorar as necessidades dos estudantes.

É por isso mesmo eu repito: abram-se as portas do céu para receber um justo, o nosso ex-comandante interino Cel. Carlos Autran Dourado.

Caro mestre, ao escrever-vos esta carta de despedida, lembro-me ainda da triste surpresa que tive num dia chuvoso, quando um colega chegou perto de mim e disse, e eu vi que também havia tristeza em suas palavras:

— "Sabes que o Major Ibiapina morreu ontem?"

Eu não quis acreditar que aquêle professor que vira, na véspera, descendo a alameda, após um exame oral, já não pertencesse ao nosso mundo.

Tenho a certeza de que morrestes feliz porque sempre cumpristes o vosso dever, até para morrer esperastes que o ano terminasse e depois de ter levado mais uma turma à série seguinte, agora sim, já podíeis descansar.

Caro mestre, a lembrança da vossa morte sempre nos trará um profundo pesar, pois perdemos para sempre a vossa agradável companhia, mas vossas obras viverão conosco, tomando vosso lugar, ou melhor, representando-vos.

Agora, querido mestre, descança em paz, porque no mundo já trabalhastes demais. Adeus, Major Júlio de Mattos Ibiapina.

Cabe-nos agora despedirmo-nos de vós, caríssimos e saudosos ex-colegas. Embora vossas vidas tivessem sido here mais curtas do que as do acima homenageados na nossa lembrança, ficará sempre o trágico fim que vós tivestes pelo engrandecimento de nossa querida Terra.

A poucos cabe a glória de se tornarem heróis ainda jovens e em tempos de paz, pela qual vós aprendíeis a lutar, e por isso não choramos demasiado porque as vossas mortes, embora cedo, tinham um fim: ensinar ao Brasil o que se aprende no Colégio Militar... "Pelo Brasil ir ao sacrifício até de nossas vidas".

Vós já cumpristes as vossas missões na terra, Deus esteja convosco.

Nada mais podemos escrever-vos, queridos mortos, porque, se quiséssemos dizer o quanto sentimos, encher-se-iam várias páginas e ainda não estaríamos satisfeitos: a única frase que nos resta dizer é nós vos desejávamos em nossa companhia por muitos anos ainda, mas Deus vos deu-nos e Deus vos tirou-nos.

Que vos sirva de consôlo, nos vossos silenciosos e escuros sepulcros, o pesar que a falta de vossas vidas nos dá e a nossa última e justa homenagem. Adeus.

Alice

Todos gostavam de Alice, a menina mais meiga dentre as que conheci.

Era uma tarde, dessas que os pássaros se reúnem, para proclamar, por meio de seus cantos, uns breves e melódiosos, outros longos e tristes como um lamento, quando fui falar ao telefone de sua casa e, pela primeira vez, vi Alice.

Olhou-me com tal ternura nos olhos que me senti invadido por um que de pena ou satisfação, por ver tanta inocência estampada no olhar de uma menina só. Tornei-me amigo de Alice. E era a mim que ela sempre procurava, para tirar qualquer espécie de dúvida que a atormentasse. Chegou a perguntar-me um dia, deixando-me bem embaraçado, como era que a gente nascia.

Notava eu, sempre que conversava com Alice, aquela mesma candidez característica. E qu e coração sensível e bondoso tinha Alice! Por isso tudo, por ela ser tão boa, foi que lamentei profunda e sinceramente a paralisia infantil de que ela foi vítima.

Seu corpo, então, já não era o mesmo, estava bem mais magrinha; sentada na cadeira de rodas não tinha o mesmo aspecto, mas a ternura de Alice nunca modificou. Jamais se queixou da sorte infeliz; tôda a vez que os outros lhe falavam sobre a doença, tentando encorajá-la, ela mais que depressa dizia: — eu sei que logo ficarei boa, confio em meu querido Papai do Céu.

E não foi uma só, a ocasião em que surpreendi Alice com as mãozinhas unidas, dirigindo uma prece à Sta. Terezinha, cuja imagem jamais permitiu que tirassem de seu quarto.

Era somente a mim que Alice confessava seus temôres: — Ivan, tenho medo de não ficar sã, sinto-me tão fraca... E eu não tentava enganá-la, porque enganar uma alma tão pura e terna como a de Alice, é crime que não cometi. Mudava de assunto e ela, surpreso ficava eu disso, compreendia e nada mais perguntava.

Eu tinha chegado do colégio e ainda não tirara o uniforme, quando a madraستا de Alice chamou-me. Chamou-me aflitivamente; fui receioso.

Alice estava deitadinha e muito abatida, porém ainda notava aquela mesma ternura em seu olhar.

Ivan, disse-me ela, eu ouvi mamãe (não sabia sequer que não a tinha) dizer que o médico a desesperançara. Isso quer dizer que eu vou morrer, quer?

Eu não respondi, porque se tentasse fazê-lo, iria chorar.

Ivan, falou-me novamente, com uma voz muito suave, eu pensei que Papai do Céu não fôsse me deixar morrer. Por que será que ele não me permite brincar mais um pouco com minha boneca de pano? Aqui no livro, (lia o livro de missa), diz que ele é tão bonzinho... Ele não me deixará morrer, não é mesmo? Diz que é. Ivan, diz que é.

E as lágrimas começaram rolar pela face alva, muito alva de Alice.

Foi tão sublime sua morte...

Até cerrar definitivamente os olhos, ainda havia ternura nêles, e seus lábios, depois que ela expirou, mantiveram-se entre-abertos como se ela estivesse dizendo, cheia de esperanças — Meu querido Papai do Céu não me deixará morrer, não é mesmo Ivan?...



Capitão Albino Manoel da Costa

Nosso ex-chefe de educação física que bateu um record de tiro no Pentation Militar.

Ao capitão Albino, que irá à Londres defender as cores brasileiras, a nossa homenagem, augurando-lhe boa sorte.

A... PRESSE (leia rápido)

TULIO BÁRIO

A tarde ia batendo o "31".

O sol declinava a primeira declinação latina, enquanto as grandes florestas lançavam seus últimos galhos sobre o horizonte perdido.

A luz fraca de um lampeão, por acaso, deslisava, de patins, sobre a caçita verde (e amarela) como ondas de árvores sobre a folhagem de outro e púrpura.

As árvores silvestres desatavam os espinhos alvos e delicados. O ouricori batia palmas para que o garçon (garça, em francês) puzesse no seu cálice, não o orvalho da noite (que tem gosto de H²O), mas sim uma dose dupla de "Ferreirinha". As pousadas procuravam afitas os animais retardados, enquanto a juriti chama o seu companheiro, o papagaio, soltando doces e saudosos berros histéricos com que se despedia do dia (mais ou menos assim: — "Gud-bai, gud-bai, boi!!!")

Um concérto, organizado pelo maestro, saudava o pôr do sol (eu não sabia que o sol também punha), que confundia com o rumor da cascata o seu hocêjo, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência do "Ferreirinha".

Era o Padre-Nosso.

Essas grandes sombras das planícies que se estendem pelas florestas, essas luzes quebradas pelas montanhas infinitas, êsses raios que o partam, escavando os vestidos de forragem, isto é, da folhagem, vão brigar um momento na areia (enquanto seu lobo não vem); tudo enche a alma de uma poesia imensa que respira estrondosamente.

O urutau (milionário e esbanjador) no fundo da noite, digo, no fundo da mata, solta suas notas graves e sonoras, de um cruzeiro, que vão reboiando pelas crastas de capim e vão ecoar ao longe como um toque lento e pausado de "swing". A floresta, roçando maldosamente as grimpas da brisa, trás um sífilítico sussuro que parece o último, aliás, o penúltimo eco dos rumores de um dia em Nova York ou o derradeiro suspiro da tarde que estica as canelas.

Tôdas as pessoas reunidas na Esplanada do Castelo (era um concício) sentiam mais ou menos a impressão solène daquela hora, e cediam, voluntários para a guerra do Paraguai. Não bem tristeza, mas certo temor misturado com certo horror. De repente os sons alegremente melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar, quebrando o concérto do maestro, deixando-o desconcertado.

Era um dos aventureiros que tocava o Credo em ritmo de "valsa boog-woogie".

Todos se descobriram o Brasil.

D. Antônio de Nariz de Barro adiantando-se até a beira da esplanada, por acaso, tirou o joelho e chapelou-se (caiu).

Ao redor dêle vieram grupar-se sua mulher (dêle) e as duas moças: D. Diogo e D. Álvaro. Os aventureiros que formavam um grande circo (tipo "Dudu"), ajoelharam-se a alguma distância.

O céu refletia e esclarecia o problema da barba e do cabelo do velho fidalgo e realçava a monstruosidade daquêles arcaicos peitos do também arcaico cavalheiro.

Era uma "cena muda" ao mesmo tempo pobre e rica (entenda-se...) a que apresentava essa prece selvagem no meio de cristãos; e em todos aquêles sóis, iluminados, por acaso, pelos raios daquelas caras, havia um peito de rês, isto é um respeito que respirava.

Loredano em conserva, foi o único que continuou "se abrindo" e seguia com olhar de besta, os movimentos de Álvaro, que estava acocorado perto de Cecília, bêbadozinho da Silva, contemplando-a, como se fôsse um copo de álcool de 136º a quem dirigia a prece.

Durante o momento em que o rei (sem corôa) da luz, suspenso no horizonte pelos fundilhos da calça, lançava um olhar "piruativo" sôbre a Cecília, todos se concentravam em um fundo recolhimento e diziam uma oração muda que apenas sacudia terrivelmente as orelhas.

Por fim, Aires Gomes se escondeu e o sol estendeu o trabuco sôbre o precipício, e um tiro bateu no Acácio ferindo-o mortalmente (graças a Deus).

Era a Aurora Boreal.



Caprichos da sorte

ROBERTO ANGELO DE BARROS, A .1015

A cena da despedida fôra trágica, e levava consigo uma parte do coração de todos os que a conheceram. Ele, resignado, procurava não deixar transparecer a aflicção que lhe ia n'alma. Ela, com seu espirito mais sûttil de mulher, traduzia em lágrima sua mágoa, ante as indiferentes paredes de seu quarto. Era a guerra, terrífica, quem chamava para a luta, para o ódio, para a morte, aquêlê moço, mal penetrado na luta pela vida.

Separava-os o Destino. Ele, em meio á matança, arriscava mil vêzes a vida. Ela, além da grande saudade, tinha a dor de uma dúvida cruel, principalmente quando já não se puderam corresponder.

Nêste pé as coisas andaram por muito tempo. Ele resistiu, incólume, as intempéries da hecatombe. O conflito chegou a um térmo, e as tropas receberam, com grande júbilo, a noticia airosa da volta á terra querida, onde os esperavam, ansiosamente, mães, irmãos, filhos e entes queridos.

Alfredo. — êste era seu nome, — lembrou-se logo de sua noiva, que o devia estar esperando, para extinguir as saudades que atormentavam, há tanto tempo, duas almas que se queriam.

Que noticia alviciareira, após tão longa espera, não seria a de sua volta, tão custosa e difícil, depois de mil e um riscos. As angústias da partida e da longa espera, seriam agora recompensadas pela imensa alegria do novo encontro que êle, antecipadamente, acalentava. Os dias que teve de esperar pareceram-lhe annos. Exultava ante a idéia de rever a sua amada, a quem a sorte pompara, ditosamente, da perda dêle próprio.

O grande navio, cortando maciamente as águas, aproximou-se do pôrto, onde atracou debaixo de enormes aclamações da multidão que se apinhava no cais, e da soldadesca que se debruçava na amurada da embarcação.

Alfredo esperava ansioso por poder descer á terra, onde, eria êle, o esperava, não menos ansiosa, sua noiva que tanto o queria.

Desceu com rapidez a escada de bordo, e logo, se achava em terra firme. Procurou com impaciência a pessoa que esperava ver, mas, não viu ninguém que o conhecesse, pois sua familia se achava em outra cidade, para onde pretendia partir, mais tarde, com sua noiva.

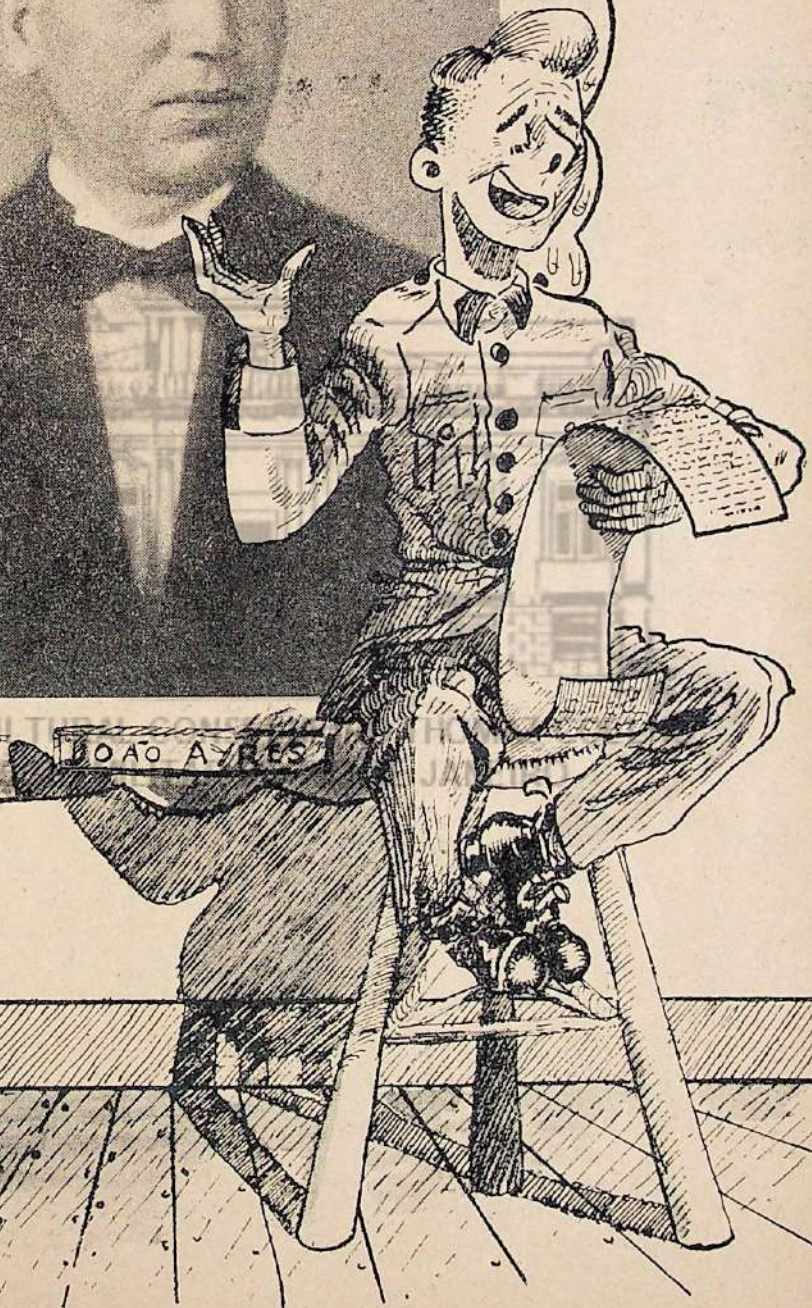
Depois de uma busca infrutífera, nas imediações do cais, Alfredo parecia desolado e desesperançado de encontrar sua querida Marlene. Foi quando se aproximou dêle um garoto, que, timidamente, lhe perguntou: o sr. é o soldado Alfredo?

Uma sombra de esperança percorreu o "pracinha" aflito. Na certa, eia, doente, não podia vir esperá-lo, e agora o mandava chamar. Sim, meu filho, sou eu mesmo. Alguma coisa para mim? Apenas êste bilhete, foi a resposta.

Tinha sido apenas um bilhete. Nada mais que um vil pedaço de papel, com algumas palavras rabiscadas. Aquela pequena porção de papel, na sua insignificância, era a consumação de terrível tragédia.

Aquêlê bilhete era, nada mais nada menos, que a noticia da morte de Marlene, vitima que fôra de um acidente, poucas semanas antes.

Caprichos da sorte...



SPACO CULTURAL CONE...

JOÃO AYRES

12/18
21 III 9.18

NEM TODAS PALAVRAS O DESCRIVEM, SÓ DUAS DIZE IUDO JOÃO AYRES.

CONOSCO - É "ASSIM!"

AVENTURA DO PIPOCA.



AVISE AS OUTRAS ME-
NINAS QUE AL VEM
UM DELES!

PUXA!
ATE' QUE
FIM...



VEJA AQUILO!
E' ES PANTOSO!
INACREDITAVEL!
SURPREENDENTE!
FENOMENAL!

QUE MENINAS
ENERGICAS!



Só havia uma folha escrita . . .

IVAN CAVALCANTI PROENÇA N. 785

HOJE, somente hoje, entraremos em ação. Que bela é a paisagem que avistamos do alto deste morro, onde está nosso acampamento!

Sentado no tronco de uma árvore, estou relembrando tudo que fizemos desde que aqui chegamos:

A primeira vista do pôrto, um pôrto cheio de movimento; mercadorias transportadas para todo o lugar; navios e barcaças ancoradas ao longo do cais. Em seguida, os caminhões norte-americanos nos esperando para nos conduzir a um local inteiramente desconhecido. O receio que tivemos durante a viagem, de que aquêles aviões, passando zumbindo sobre nossas cabeças, fossem inimigos...

Tudo, eu recordo cheio de uma admiração temerosa. E fico bem feliz por poder descrever isso tudo, por que já passei, uma vez que, até então, não tive uma só ocasião de fazê-lo.

Chegados aqui, o capitão nos deu ordem para que nos mantivéssemos o mais silenciosos possível, para que a camuflagem fosse perfeita e para que aguardássemos o momento de atacar as posições inimigas a 10 kms daqui.

E agora, eu olho o seu retrato, meu amor, vindo-me à cabeça, nosso namoro, noivado e casamento. Meu filho, é você que

eu admiro agora. Quantas saudades!... — Lembra-se, filhinho, daquele dia em que papai disse que ia embarcar para bem longe e você chorou pensando que papai ia morrer? Mal sabendo você que eu hei de retornar breve, muito breve e que, após essa última missão, ele terá em mente voltar bem depressa para abraçar e beijar você e sua mamãe...

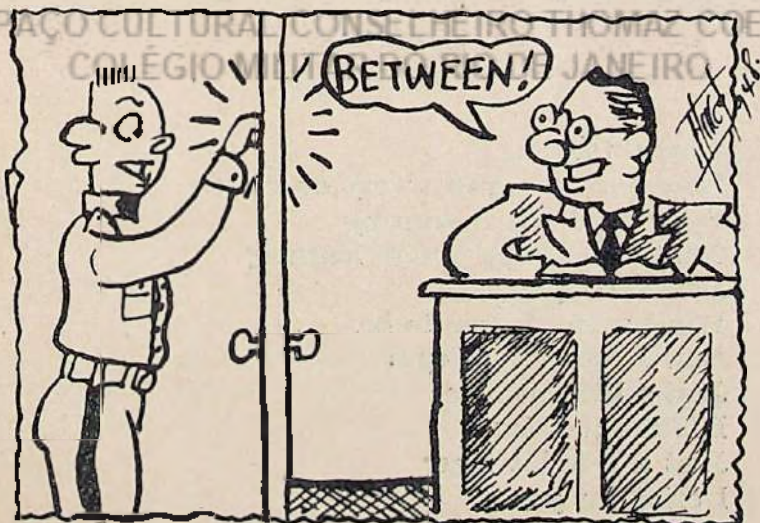
O capitão deu-nos ordem para nos preparar, isto é, apanharmos os fuzis, a munição, toda a equipagem, da qual nos desfilzamos um momento a fim de descansarmos.

Nosso comandante dá-nos uma última observação no mapa e, agora, pouco antes de partirmos, corre entre os soldados a notícia de que os inimigos descobriram nossas posições e que seus aviões vêm em nossa direção. Deve ser um boato como das outras vezes em que se tratava de aviões aliados.

Bem, deixa-me beijar o retrato de minha querida esposa e de meu querido filho, pois, após a passagem desses aviões, dos quais já se ouve o barulho, partiremos.

Pena que só encontrássemos estas palavras no diário do soldado Adalberto. Diário esse, encontrado a dez metros de distância do corpo...

NA AULA DE INGLÊS



Cancioneiro internacional

"Hey! ba-ba-re-pob"

(Fox)

Hey! ba-ba-re-bop. Hey! ba-ba-re-bop.
Hey! ba-ba-re-bop. Hey! ba-ba-re-bop.
Hey! ba-ba-re-bop.
Yes, your baby knows
Matilda Brown told old King Tut,
If you can't say re-bop,
Keep your big mouth shut-singin.
Hey! ba-ba-re-bop. Hey! ba-ba-re-bop.
Hey! ba-ba-re-bop.
Yes, your baby knows.
Mama's on the chair,
Papa's on the cot.
Baby's in the crib blowin' his hat-ral top,
Singin' Hey! ba-ba-re-bop.
Yes, your baby knows
Up on the mountain
Lookin' at the sea
Lookin' for the cat
That stole my baby from me,
Singin' Hey! ba-ba-re-bop,
Hey! ba-ba-re-bop! Hey! ba-ba-re-bop,
Yes, your baby knows

"I cried for you"

I cried for you
Now it's your turn to cry over me.
Ev'ry road has a turning
That's one thing you're learnin'
I cried for you
What a fool I used to be.
Now I found Two eyes
Just a litle bit bluer
I found a heart
Just a litle bit truer
I cried for you
Now it's your turn to cry over me..

Curiosidades

PAULO CAVALCANTI

O Nome Deus nas diversas línguas

Em inglês, God; em italiano, Dio; em irlandês, Dya; em japonês, Kami, Siu; em lapônico, Jubmal; em latim, Deus; na língua dos Hovas (Madagascar), Zannah; em malaio, Alla; em norueguês, Gud; em panônio, Istu; em persa, Choda; em peruviano, Puchocamae; em polaco, Boj; em russo, Buch; em rúnico, As; em sânscrito, Deva; em saxônico, God; em sueco, Gud; em siríaco, Allah; em tártaro, Magatal; em teutônico, Gutha; e, em turco, Allah.

Diógenes e o tonel

Embora muito se fale na expressão “tonel de Diógenes”, a idéia que a tal expressão nos dá é absolutamente falsa.

Tudo provém de um êrro cometido pelos pintores e que caracterizaram Diógenes. O célebre filósofo não vivia num tonel, e sim num pote. É o que nós mostram as velhas pedras gravadas.

O êrro originou-se quando os primeiros tradutores traduziram “vasilha de vinho” por tonel.

Segundo Plínio, os tonéis são de origem gaulesa. Os gregos e latinos deitavam seus vinhos em potes, às vêzes em potes sem base, que eram enterrados na areia.

ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Fulton ou Garay?

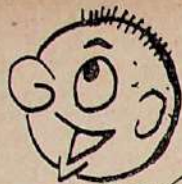
Segundo obra de Navarette sobre as viagens e descobrimentos dos espanhóis do século XV, foi Blasco de Garay e não Robert Fulton o aplicador das máquinas a vapor à navegação.

Em 1543, Garay apresentou a Carlos V uma máquina para mover grandes navios, sem velas nem motor.

O imperador ordenou que se fizesse uma demonstração em Barcelona, a 17 de junho.

Conforme os depoimentos dos espectadores, a máquina consistia em um aparelho para fever uma grande porção d'água, em certas rodas que serviam de remos, e um maquinismo para lhes comunicar a ação do vapor da água.





PIPOCA

(O ACROBATA)

Por ~~11/10~~ 1947

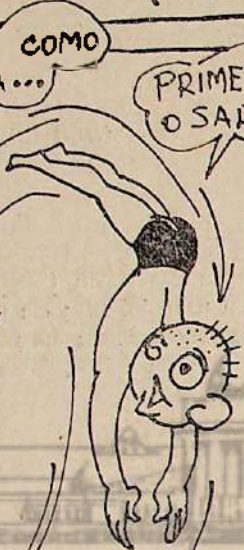
VOU MOSTRAR COMO SE SALTA...

PRIMEIRAMENTE O SALTO INICIAL!

OH! POR UM DISENHO EU ENCONTREI POR BAIXO DO OUTRO QUADRO! O "SEU" HUGO VAI FICAR ZANGADO... NÃO FAZ A HISTÓRIA DE A LER NOVU...

AO CHEGAR NESTA POSIÇÃO DO DESENHO, LARGA-SE A CORDA!

SE O SUJEITO TIVER SORTE, SENTIRÁ A CORDA COM FIRMEZA! SE NÃO TIVER SORTE, SO APARECERÁ NOUTRA HISTÓRIA...



ESSE ACROBATA É O SENHOR ALMEIDA THOMAZ COELHO, DO REGIMENTO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Florestas

BRASILEIRAS

O NORDESTE é a região mais assolada pela seca. É pena, pois o nordestino ama a terra como nunca ninguém amou.

Apesar de construirem açudes, pequenos e grandes, de alvenaria e de barro socado, os fazendeiros não conseguem sempre uma boa colheita e nem criar seu gado. Isto se dá devido à devastação das matas pela queima, que o matuto faz para criar algumas cabras e plantar alimentos acostumados àquele clima. Quando a água escasseia, o homem bebe a mesma água que o gado.

Para evitar isto, devemos conservar nossas florestas, pois elas são o centro da vida de uma nação.

Graças a Deus, a região do rio Amazonas não foi devastada totalmente. Ainda estamos em tempo de ver os erros e remediá-los, se possível fôr, o mais depressa.

Infelizmente, não posso dizer o mesmo, do rio São Francisco: o volume deste, está diminuindo, pois, em partes antigamente navegáveis, vemos hoje o contrário. Isto se deu, não por culpa nossa, mas sim dos portugueses pioneiros que, conforme iam subindo o rio, iam queimando as florestas das margens, a fim de fazer os currais para a criação do gado.

Por que devemos ter tanto cuidado com as matas?

A esta pergunta, acho que todos, brasileiros que somos, sabemos respondê-la. São as florestas que conservam as águas causadas pelas chuvas, e que, por meio de seus afluentes, vão levá-las para o rio que predomina na região. O Vale do São Francisco está perdido. Pude verificar isso quando viajava para São Paulo e vou contar-lhes:

Em Barra do Pirai, juntou ao trem em que viajava um vagão de 3.^a classe,

quando, curioso para saber o que havia dentro, olhei pelo vidro da porta; um calafrio percorreu-me o corpo inteiro; não acreditava no que estava vendo, mas era a realidade. Crianças, mulheres e homens, dormiam, uns em cima dos outros, numa sujeira característica dos chiqueiros. Perguntei a um caboclo que estava junto de mim de onde eles vinham, ao que me respondeu:

— “Nóis vinhemos” da Bahia, de Joazeiro. Aquilo “lá” que é só seca.

— E o rio São Francisco? — perguntei.

— “Tá véio”, não serve “pra” nada.

— Para onde vocês estão indo?

— “Nóis” vamos “trabaiar” na lavoura de São Paulo, pois assim, “nóis” não passaremos só a farinha e rapadura”.

Como podem verificar, o Brasil deve tomar providências no sentido de que sejam plantadas árvores nos mesmos lugares em que antes existiam.

Agora os leitores me perguntarão: Por que o Vale do Paraíba do Sul é tão fértil se lá não há quase florestas?

A isto devo responder: Deus compen-sou tudo no mundo. Assim como para alguns rios Ele deu as florestas, para o Vale do Paraíba deu a grande Serra da Mantiqueira. A cheia do Paraíba do Sul é causada pelas chuvas de verão, fornecidas sobretudo pelo admirável centro condensador e dispersor de águas, que é a Mantiqueira, possuidora de grandes matas na sua encosta.

O problema n.º 1 do Brasil é a conservação das florestas. Sem isto não poderemos progredir, pois sem água para a lavoura não teremos alimentação nem comércio.

O Brasil confia na nossa geração e não devemos desapontá-lo.

Não nos esqueçamos de nossas FLORESTAS.

RECORDAÇÕES QUE DURAM SEMPRE

CARLOS N. DE OLIVEIRA (EX-ALUNO)

MEU sonho de criança realizara-se: era soldado!

Naquele instante, envergando a fardinha de aluno do Colégio Militar, transpunha o majestoso portão, fazendo tímida e desajetadamente a continência.

Logo adiante, um grupo de veteranos divertia-se examinando a "bicharada". Segui em frente.

— El, ó "bicho"!

Voltei-me. No meio da roda, um dos alunos chamava-me. Avancei.

— Bom dia, "bicho" — disse êle.

Bom dia — gaguejei.

— Então, é assim que se cumprimenta um veterano? — perguntou.

Embaraçado, levei a mão ao quepe.

Não — falou, isso nunca foi continência. Vou ensinar-lhe. E' assim: mão espalmada, dedos unidos... e, enquanto explicava, ia fazendo-a com desembaraço e correção.

— Vamos ver agora.

Animado, fiz a saudação.

— Melhorou bastante. Pode ir embora — ordenou.

Mais confiante, afastei-me. Logo surge outro aluno à minha frente. Cumprimentei-o militarmente e passei incólume. Recebera a minha primeira instrução militar e, graças a ela, livre-me de outros trotes e "caceteações".

Allás, não fui dos mais amolados pelos trotes. Pondo de lado as "tabacadas", "cascudos" e outros corretivos aplicados aos desobedientes, os trotes sempre foram brincadeiras, algumas engraçadas, dependendo em grande parte da imaginação do veterano. Os "Napoléões", noivados, discursos, declarações amorosas e imitações em geral eram os mais comuns. Em pouco tempo, descobriam-se os tipos característicos e singulares, que divertiam os demais com sua figura grotesca e situações cômicas.

Aos poucos, acostumei-me à nova vida de aulas e instruções diárias. Cultivei boas amizades entre os companheiros "bichos". Os calouros da turma, a principio ranzinzas e importantes, não tardaram a tornar-se camaradas.

Vivia feliz e atarefado. Dividindo o meu tempo entre os livros e os folguedos, venci a primeira etapa e, além da nova tirinha vermelha que acrescentei ao distintivo, uma vistosa divisa de sargento abrilhantou a minha fardinha de calouro.

Formados por companhias, os alunos aguardavam o momento de serem conduzidos ao local da solenidade comemorativa do início do ano letivo.

Valendo-me do pósto que possuía, encontrava-me fora de forma, passando em revista as fisionomias alegres, quando o tenente me chamou:

— "Seu" sargento!

Pronto! — acudi eu.

— Leve essa escola e apresente-a ao sr. Capitão ajudante, na Praça Tomaz Coelho!

Um frio percorreu-me a espinha. Pela primeira vez ia dar uma voz de comando e não podia fazer fiasco. Dominei-me logo e, dirigindo-me apurcado para os colegas, enchi os pulmões e com voz firme comandeí:

Escola seentido! Ordinãario marcha!

A um só passo os alunos romperam a marcha e, com êles, seguro e ufano, avancei pela imponente alameda da entrada.

Uma grande mudança se operara naquele juvenzinho que, havia um ano, penetrara acanhado e tímido neste grandioso templo de cultura, onde se forja o caráter do futuro cidadão da Pátria.

Hoje, cada recanto desta casa aviva em mim recordações de momentos passados e vividos, de fatos e coisas que guardo com carinho no mais profundo e sensível da minha alma.

Aproveito minhas últimas férias escolares e, pela manhã, à hora costumeira, dirijo-me para o Colégio Militar, transponho o portão semi-secular e começo a andar a êsmo...

Erro pelos recreios e revejo os lugares costumeiros em que nos reuníamos a conversar, esquecendo os estudos entre palestras interessantes e brincadeiras animadas. As graças e piadas estouravam a cada momento, seguidas de gargalhadas francas e joviais, se eram boas, ou de uma vaia geral, quando fracas. Assuntos os mais variados eram trazidos à baila, desde as notícias dos jornais e filmes da semana, às opiniões e conceitos sobre livros, peças teatrais e política. Outras vezes, falávamos do futuro e, cheios de ilusões, traçávamos planos, construíamos castelos, ouvindo os conselhos de um, as opiniões de outro, numa camaradagem única.

Passo pela Literária e relembro a emoção que senti ao subir na tribuna, para dirigir aos companheiros, breve oração sobre a poesia, e declamar alguns versos. O acolhimento que tive, animou-me a prosseguir em meus ensaios literários, a ocupar outra vez aquela velha tribuna amiga. Quantas lembranças

levo das sessões a que assisti, agitadas e interessantes, onde o verbo inflamado de uns, os apartes bem dirigidos de outros, e as aclamações ruidosas dos demais davam vida àquele solene salão, que reunia, semanalmente, os jovens alunos, desejosos de aprender algo mais de literatura pela apreciação dos nossos poetas e escritores.

Recordo-me das solenidades e das paradas em que desfilei, primeiro entre os bichos e calouros da escola desarmada, depois, já maior, no Batalhão Colégio e, finalmente, comandando a guarda-bandeira, sempre com o mesmo entusiasmo e garbo militar.

Rememoro as tardes esportivas, complemento dos grandes dias, em que se sucediam, com intensa vibração das torcidas, os jogos e provas atléticas, aos quais os nossos se entregavam com todas as forças, no afã de dar ao Colégio os louros merecidos da vitória.

As aulas do meu último ano letivo estão findas. Os alunos foram-se, a gozar suas férias. Os pátios e recreios estão silenciosos. Pelos passadiços não mais ecoam os passos cadenciados das turmas. As velhas e protetoras árvores, a cuja sombra nos deixávamos ficar, gozando da frescura da brisa, agora acolhem, tão somente, as avezinhas irrequietas e ligeiras que não conhecem as férias, que vão e voltam sempre a abrigarem-se nos seus galhos de densas folhagens. Não mais se verga a barra de ginástica pelo peso de corpos sadios que se exercitavam em subidas vigorosas e paradas rápidas. O ruído do vento, a agitar as copas das palmeiras, perde-se por aqueles recreios desertos. As salas de aula, escuras e empoeiradas, o quadro negro com riscos esquecidos, as carteiras vazias, dão um aspecto de abandono na sua solidão, na sua falta de vida e movimento.

Entro numa turma, não importa qual seja, e, lentamente, movimentando-me entre as carteiras, chego à última, esquecida no canto da sala. Sento-me. As recordações sucedem-se mais abundantes e nítidas. Um a um, relembro os mestres que desfilam, naquele querido cenário, com suas maneiras características e gestos próprios, fazendo-me retroceder aos primeiros anos e às primeiras aulas, numa sucessão de fatos inapagáveis...

Revejo o professor de Português que tive no 2.º ano, o Cel. Dória, senhor de cabeça alva, muito aprumado e vivo, de aparência austera, mas no fundo amável e franco no sorrir. Amadurecido no exercício da cátedra, conhecia-lhe os segredos e sábiamente transmitia os ensinamentos básicos da língua. Nas arguições costumeiras, se acontecia dizer-

mos alguma "batata", êle, fingindo estar grandemente zangado, fazendo-se mais espigado, retrucava invariavelmente:

— "Oh! O sr. dizendo uma barbaridade dessas! Meta a cabeça num buraco!"

Uma risada percorria a classe, ao ver o acabrunhamento do colega que, com as faces vermelhas, recebia a repreensão.

Mergulho nas reminiscências e, sem o terror dos exames, a canseira dos estudos e a lenta sucessão dos dias, passo pelas diversas séries do curso ginásial e encontro-me, afinal, cursando o científico.

Novos mestres me foram dados. Entre êles, o Dr. Alexandre Barreto, catedrático de Geometria, que acompanhou a turma por 3 anos, sendo escolhido para seu paraninfo. Sempre desejoso do aproveitamento da turma, no correr das sabatinas, quando nos aprofundávamos nos cálculos e elaborações matemáticas, fazendo ecoar a sua grossa voz no silêncio da sala, êle dizia:

"Não se esqueçam de copiar a figura dada na prova! Prestem atenção ao enunciado!" E, ainda apreensivo, voltava-se para um de nós, mandando reler as questões.

Uma amizade recíproca nasceu entre o velho mestre e seus novos alunos, cimentada dia a dia, à medida que se acumulavam nos cadernos os teoremas e demonstrações clássicas.

Outro grande mestre, inesquecível como os demais, o Cel. Castro Neves, alegre e vivo, conduziu-nos sem hesitações através dos Desenhos Geométricos e Projetivos. Referindo-se à sua matéria, animava-nos: "Isto tudo é fácil! Vocês têm isso na massa do sangue!" — e prosseguia na sua aula interessante e bem ministrada.

.....
Longe, muito longe do presente, a cabeça apoiada nas mãos, curvado sobre a carteira, continuo em minhas meditações, rememorando o passado...

A campainha do passadiço, anunciadora dos intervalos, toca estridentemente, indicando o término do último tempo de aula.

Como se acordasse de um longo e delicioso sonho, levanto a cabeça e olho em torno: a mesma sala escura, o mesmo quadro riscado, as mesmas carteiras vazias que parecem mergulhadas num longo sono de 3 meses, gozando do repouso merecido das férias.

Deixando silenciosamente aquele recanto do passado, enfito-me uma última vez pela alameda, transponho o velho portão e perco-me no borborinho da vida cá de fora.

CÓDIGO DO BOM CIDADÃO

(Adaptação do Código do "Bom Americano", redigido por William J. Hutchins, o qual obteve um prêmio de 500 dólares, num concurso nacional realizado no "Dia da Independência", de 1916, pelo "Character Education Institute of Washington" — Instituto de Educação do Caráter, de Washington).

Os bons cidadãos procuram ser fortes e úteis à sua pátria, a fim de que ela possa vir a ser maior e melhor. Assim devem obedecer as leis da boa convivência a que todo bom cidadão procura obedecer.

I — A LEI DO SELF-CONTROL

Ter domínio sobre si. Aquêles que melhor se sabem governar, servem melhor a sua pátria.

Dominarei a minha "língua" e não a deixarei pronunciar palavras ásperas, vulgares e profanas. Pensarei bem antes de falar. Direi sempre a verdade, e nada mais do que a verdade.

Dominarei o meu gênio e não mostrarei desagrado quando as pessoas ou coisas me desagradarem; mesmo diante de erros e mentiras contraditórias, procurarei dominar-me. Dominarei meus pensamentos.

Dominarei as minhas ações. Serei cuidadoso e parcimonioso e insistirei em fazer somente o que fôr correto.

Não ridicularizarei, nem macularéi a honra de meu semelhante. Respeitarei o meu "eu" e ajudarei aos outros a respeitarem-me.

II — A LEI DA BOA SAÚDE

O bom cidadão procura conservar boa saúde.

Procurarei alimentar-me bem, dormir e fazer tais exercícios que me façam sempre estar em boas condições físicas.

Conservarei a minha roupa, corpo e mente sempre limpos.

Evitarei os hábitos que me possam prejudicar e procurarei adquirir os que sejam úteis.

Procurarei proteger a saúde dos outros e cuidar dela como se fôsse a própria.

III — A LEI DA BONDADE

O bom cidadão é caridoso. Todo ato duro, cruel ou menos amável, fere; todo ato caridoso ajuda. Daí...

Só terei bons pensamentos; não terei ódio nem despeito. Nunca desdenharei de ninguém. Serei moderado na minha linguagem. Não tratarei mal os meus semelhantes. As palavras podem curar, mas também podem ferir.

Serei caridoso, nas minhas ações. Não insistirei com egoísmo, para que as minhas vontades sejam feitas. Serei simples. As pessoas mal educadas deixam de ser bons cidadãos. Procurarei não ser impaciente com aquêles que trabalham para mim nem deixar de ser reconhecido.

Terei cuidado com o que pertence aos outros. Procurarei por todos os modos impedir atos de crueldade e darei assistência aos necessitados.

IV — A LEI DO SPORTSMAN-SHIP (camaradagem)

O bom cidadão é leal nos negócios. O negócio honesto aumenta e desenvolve a força e coragem do indivíduo, tornando-o mais útil a sua pátria. A lealdade e a camaradagem fazem do indivíduo um gentleman. Portanto... Não enganarei.

Tratarei meus adversários com cortezia e confiarei neles se assim o merecerem. Serei bom camarada.

Nas partidas desportivas não farei para minha glória pessoal, mas para a glória de meu team e o prazer de me exercitar.

Saberei perder, e ser generoso quando ganhar.

E no meu trabalho, como no desporto, serei camarada, condescendente, justo e honesto.

V — A LEI DA EM SI MESMO CONFIANÇA

O bom cidadão deve ter confiança em si mesmo. O orgulho é uma imbecilidade, mas a confiança em si é necessária ao cidadão, que se diz forte e útil.

Acatarei com prazer os conselhos das pessoas mais velhas e mais judiciosas. Acatarei as vontades dos que me amam e cuidam de mim, e que conhecem a vida e a mim mesmo melhor do que eu. Procurarei desenvolver em mim independência e a inteligência, de modo a poder pensar e agir por mim próprio de acordo com o que eu julgar justo, honesto e prudente.

Não hesitarei em fazer o que fôr de direito mesmo entre uma multidão de pessoas que o julguem errôneo.

VI — A LEI DO DEVER

Um bom cidadão cumpre o seu dever. O que foge às suas obrigações, o preguiçoso por natureza, torna-se um fardo incômodo para seus semelhantes. Não coopera pelo bem estar de sua pátria.

Procurarei descobrir quais são meus deveres de bom cidadão e os cumprirei, quer sejam fáceis ou difíceis de executar. O que me cumprir de fazer será feito.

VII — A LEI DE CONFIANÇA

O bom cidadão confia. Nossa Pátria torna-se-á cada vez mais forte, à medida que seus filhos forem tendo confiança uns nos outros, assim...

Serei honrado nas minhas palavras e ações. Não mentirei, nem serei mesquinho ou fingido. Tão pouco procurarei prejudicar os interesses dos outros.

Não tomarei sem licença o que não me pertence.

Farei imediatamente aquilo que prometer. Se tiver feito alguma promessa tôla prontamente confessarei o meu engano e procurarei emendar o erro que tenha ocasionado. Falarei e agirei de modo a que todos tenham confiança na minha palavra.

VIII — A LEI DA VERDADE

O bom cidadão é verdadeiro. Terei o máximo cuidado em suspeitar de alguém de forma a não cometer uma injustiça. Evitarei opiniões precipitadas para não julgar mal os fatos. Serei sempre pela verdade e desprezarei a tentação de mentir em benefício meu ou de meus amigos. Tão pouco esconderei a verdade daqueles que têm direito de saber.

Tudo farei para descobrir a verdade e ter a certeza de que vi e ouvi. Aprenderei a pensar a fim de procurar descobrir novas verdades.

IX — A LEI DO SERVIÇO BEM FEITO

O bom cidadão procura cumprir o seu dever de modo perfeito. A felicidade de nossa Pátria depende dos que aprenderam a cumprir seus deveres de modo perfeito, a única maneira de assegurar a civilização de um povo. Procurarei tirar o máximo da instrução que fôr dada e aprender tudo que puder. Inventarei e farei as coisas mais aperfeiçoadas possível.

Tomarei real interesse pelo meu trabalho e não me satisfarei em o fazer de qualquer maneira, apresentando um serviço mediocre. Adquirirei o hábito de só fazer as coisas bem feitas e estarei sempre atento para aprender.

Farei o que fôr de direito e de um modo direito, para lhe dar mais valor e beleza, mesmo que ninguém me possa ver e elogiar. Quando, porém, tiver feito o máximo de minha obra, não invejarei alguém que tenha feito obra melhor do que a minha ou que tenha recebido maiores honrarias. A inveja destrói o trabalho e o trabalhador.

X — A LEI DA COOPERAÇÃO

O bom cidadão coopera amavelmente com os seus colegas. Um indivíduo só não seria capaz de construir uma cidade ou uma estrada de ferro. Seria mesmo difícilimo a um só homem construir uma ponte. Para que tenhamos o pão de cada dia, muitas são as pessoas empregadas na fabricação do arado, na extração de carvão das minas, nas construções de forno e nas padarias. A medida que formos tendo maior compreensão da necessidade da cooperação, nossa Pátria irá cada vez progredindo mais.

Serei alegre em tôdas as minhas ocupações. A tristeza causa mal estar e prejudica o serviço.

Pouparei ou gastarei como um bom trabalhador e amigo de minha Pátria.

XI — A LEI DA LEALDADE

O bom cidadão é leal. Se quisermos o nosso país melhor e maior, seus cidadãos dever ser leais, cheios de devotamento e fé em tudo na vida, repletos de coragem e ciosos de sua honra.

Serei leal para a minha família. Com prazer obedecerei a meus pais ou aqueles que ocuparem seus lugares, mostrando-lhes minha gratidão. Farei o possível para ajudar todos os membros de minha família a ser fortes e úteis.

Serei leal no colégio. Obedecerei; ajudarei meus colegas a obedecer o regulamento.

Serei leal a minha cidade, meu Estado, meu País. Respeitarei e ajudarei os outros a respeitar as leis e suas Côrtes de Justiça.

Serei leal à Humanidade e a Civilização. Farei tudo que estiver ao meu alcance para manter as relações de amizade do nosso país com os países amigos, e dar a todos, em toda a parte, uma possibilidade de vencer. Procurarei a verdade e sabedoria. Trabalharei e farei, se possível, algum bem pelo progresso de minha época.

Se tentar ser leal a minha família simplesmente, talvez venha prejudicar a minha escola. Se tentar ser simplesmente leal a minha escola, talvez venha a prejudicar a minha família, minha cidade ou meu Estado ou mesmo ao meu país. Se quiser ser leal a minha cidade, meu Estado ou Pátria, talvez venha prejudicar a Humanidade. Sobretudo procurarei ser leal à Humanidade, pois, certamente, assim fazendo, serei leal a meu País, meu Estado, minha cidade, minha escola e a minha família. E esta lealdade à Humanidade me fará ser leal à civilização.

Aquêlê que obedecershrdl ETAOI SHRDLU SHRDLU SHRDLU SHRDLUS leis do bom cidadão.

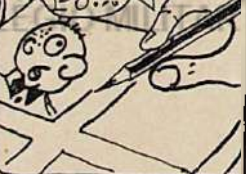
AVENTURAS DE PIPOÇA



ESSE NEGÓCIO DE TRABALHAR EM ATIVIDADES QUADRÍCULAS DAS TIRAS ME TÓDO O TEMPO DE ESTUDO!



MAS PARA APRENDER EM 8 QUADRINHOS EM CADA HISTÓRIA VOCÊ PERDE POUCO TEMPO...



ACONTECE PORÉM QUE EU ESTOU PRACO EM 3 MATÉRIAS! ISTO NÃO É SÓRA!



BEM, ENTÃO DEIXAREI QUE VOCÊ FAÇA O QUE QUIZER NESTA HISTÓRIA, CONTANTO QUE ACABE COM OS 8 QUADRINHOS!

OBA! COSMO O HUGO É CA-MARADÃO!



EPA! JÁ PÁSA DA HORA DO ENCONTRO COM A PEQUENA! TENHO DE IR VOANDO!



ATE A PROXIMA, PESSOAL!



Hugo 1982

UMA LIÇÃO DOS JOVENS

Beijada pelo Paraíba do Sul está Rezende, onde encontramos a Escola Militar, e que foi cenário, ultimamente, de um dos mais trágicos dramas reais a que já se assistiu ou de que se teve notícia.

O dia corria calmo como sempre, tudo estava normal naquela cidade do interior quando de repente ouviu-se uma explosão vinda dos lados da Escola, coisa normal e sem importância.

Os cadetes do 3.º ano de Engenharia faziam, naquele momento, exercícios com minas anti-tank e as tinham feito detonar, porém ninguém sabia que aquele ruído já comum naquelas paragens era o prelúdio de um dos grandes acidentes, digo o maior daquela Escola ainda jovem.

Algumas minas falharam e aqueles jovens estudiosos foram investigar as causas e nisso uma 2.ª explosão, esta mais forte. Em consequência caíram inúmeros cadetes feridos lançados ao sólo regando aquelas terras com seu sangue generoso e transbordante de saúde e beleza. Dêsse trágico momento começou a se escrever uma das maiores lições de camaragem sã e leal naquele Estabelecimento militar que é um dos orgulhos de nossa Pátria.

Tudo queriam os cadetes fazer que pudesse minorar os sofrimentos de seus camaradas. A tarde e a noite foram passadas num estranho reboliço característico da tragédia. Um misto de aflição e esperança dominava a Escola, no entanto.

De repente um golpe rude, embora esperado, percorre, em um segundo, tôda a cidade; morrera um cadete a serviço da Pátria. Tristes e já saudosos do colega que haviam perdido naquele momento, não esmoreceram entretanto, pois, para outros cadetes gravemente feridos havia esperanças de salvamento. A noite é passada em claro, em emocionante expectativa enquanto aqueles heróis padeciam o seu calvário naquela trágica semana santa.

A sorte porém lhes era adversa e pela manhã seguinte deixava êste mundo, depois de muito sofrer, outra vítima da catástrofe; era o sacrifício de mais um herói.

Felizmente não mais morreram cadetes em consequência daquele desastre, embora alguns tenham cortadas as suas promissoras carreiras.

Aos que continuaram nas fileiras resta honrar o nome daqueles que já não vivem ou que, o acidente, afastou do convívio das classes armadas brasileiras. Saberão exaltar, sem dúvida, êsses nomes porque há no peito de cada cadete das Agulhas Negras, viva e palpitante a camaradagem que os irmana na caserna.

Aos bravos cadetes das Agulhas Negras como uma homenagem da "ASPIRAÇÃO" a nossa comovida solidariedade em tão amarga quanto heróica hora.

"Aos cadetes, nada?"

E tôda a Pátria responderá vibrante. . .

"TUDO!"

Você

SABE O QUE É ISTO ?

G.I.N.A.

— Menina, que “farda” é essa?

— De que colégio você é?

São perguntas constantemente ouvidas por uma Bandeirante, quando passa na rua com seu uniforme cheio de insígnias, fitas, gravata e o cinto de couro, com umas “coisas” penduradas.

Muito raramente chega a responder tais perguntas, pois, em geral, são feitas por simples curiosos, mas, sempre que pode, satisfaz aos que realmente se interessam pelo assunto.

E quase que automaticamente vai explicando: esta “farda” não é de nenhum colégio, mas sim o uniforme de Bandeirante.

— O que é Bandeirante?

É uma instituição mundial, que tem como característica e finalidade um acentuado espírito de disciplina, de subordinação e devotamento ao bem do próximo, tendo como base a mística da Pátria.

O Bandeirantismo educa a formação do caráter, exigindo o sentimento de honra e de responsabilidade, a obediência às leis e a prática do juramento feito na ocasião da promessa:

— *“Prometo sob minha palavra de honra: ser leal a Deus e à minha Pátria; ajudar ao próximo em tôdas as ocasiões; obedecer ao Código das Bandeirantes.”*

A Bandeirante reúne-se semanalmente, especializando-se pouco a pouco em habilidades de cozinha, costura, serviços domésticos, etc. Promove excursões e acam-

pamentos, durante os quais são executados os métodos educacionais ideados por Baden-Powell (fundador do escotismo e bandeirantismo), procurando sempre dar à menina espírito de iniciativa e gosto pela vida sã ao ar livre.

As instruções são dadas por meio de jogos recreativos, concursos, etc., proporcionando sempre plena liberdade à menina, para escolher a atividade que mais lhe agrada.

A Bandeirante procura ser auxiliar da família e da escola, e, quando possível, de uma maneira mais direta, ajuda o próximo na prática da enfermagem, em ambulatórios, creches e hospitais, o que a habilita a galgar postos ou adquirir medalhas de prêmio, de acordo com o maior ou menor número de horas de serviços prestados sem nenhuma remuneração.

Sob o lema “SEMPER PARATA”, a Bandeirante, onde quer que se encontre, está sempre preparada para servir. É por isto que nem sempre a Bandeirante pode satisfazer a curiosidade de todos aqueles que, intrigados com seu uniforme, perguntam: “De que colégio você é?”

É tão grande o ideal da Bandeirante, é tão vasto o sentimento de fraternidade e cordialidade que a irmana universalmente, que por melhor boa vontade que tenha não consegue explicar em poucos e rápidos momentos o que tentei esboçar neste artigo.

Isto é: “que farda é esta” e o que é o Bandeirantismo.

Durante vários dias após isso, e por meios diversos, tentei uma reconciliação. Porém, de balde. Vendo o interesse com que eu a procurava, ela pareceu sentir-se orgulhosa disso, e, resolvendo fazer-se de rogada, quis fazer imposições e outras veleidades que, já então, começaram a quebrar a admiração que eu tinha por sua pessoa. Meu amor-próprio não permitia que eu mantivesse por mais tempo aquela situação. E, então, deixei no esquecimento o caso, e, não me preocupando mais com elle, dediquei-me às atividades estudantis, que eram por aquela ocasião meus principais problemas.

Embora desligado de Helena, eu não deixava de observar seus movimentos. Foi quando notei — e até hoje me admiro disso — a mudança que nela se operou, depois do nosso rompimento. Foi como a água transformar-se no vinho. A pequena caseira, tímida e modesta, tornou-se namorada e arrogante. Não sei o que lhe entrou pela cabeça, para vir-la daquele jeito. Talvez o desejo vingativo (vingativo de quê?) de fazer-me ciúmes, mostrando-me que era conquistadora. Como se eu não conhecesse as “regras do jogo”, e não soubesse também que cada um dos namorados que ela tinha, possuía por seu turno, outras tantas namoradas. O certo é que, se sua intenção era a de aumentar a minha estima por ela, o meio de que se utilizou apenas contribuiu para torná-la cada vez menor, e finalmente nula.

Pois bem, ao cabo de algum tempo, aconteceu que minha família e, naturalmente eu também, mudamos para outro local. Como eu tinha relações mais ou menos íntimas com a família de Helena, deixei com elles meu endereço.

Passaram-se os anos. Eu já me tinha formado e quase já não me recordava do ocorrido. Certo dia, quando menos esperava, recebi dela a seguinte carta:

“Caro amigo.

Cordiais saudações.

Lembrando-me do amigo de há algum tempo, não pude deixar de convidá-lo para a festa que se realizará no próximo dia 21 do mês entrante. Trata-se do meu casamento, e sua presença é imprescindível: faço questão de que veja a noiva, sua velha conhecida. O meu endereço é o mesmo, você já o conhece.

Sem mais, aqui se despede, esperando que o convite seja atendido, sua amiga

Helena.”

Por fim, ela fez o que tanto desejava: vingou-se. Mas, aquilo era vingança? Não! Vingança (que não foi intencional, pois não sou vingativo) foi a minha, pois tive o grato prazer de responder-lhe nestas linhas:

“Minha velha amiga.

Felicitações.

Foi com prazer que recebi há poucas horas uma cartinha da amiga de idos tempos. Encantado com sua delicadeza, ao convidar-me para a festa de seu casamento. Pode crer que lá estarei, pois, na data a que você se refere, ou seja, dia 21 do mês próximo, teremos voltado, eu e minha esposa, da nossa lua-de-mel, para a qual hoje partimos.

Do amigo

Carlos.”

FIM



A GUARDA DE DOMINGO



É ESPAÇO CULTURAL COM O NOME DE DOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DE JANEIRO



1961
10/10/61

Nero

(Luís de Guimarães Sobrinho)

Inspirado em OLAVO BILAC

Roma arde. Espalhando a morte e o horror,
Crescem as chamas, lépidas, possantes.
Há pânico, mil mortes, lancinantes
Gritos, formando um côro de terror.

Casas destruídas, corpos em fedor;
Mães que choram, em gestos delirantes,
Sôbre seus filhos — cenas cruciantes! —
E o povo aflito, e as chamas em furor.

Em cada rubra chama, branca morte
Tortura espalha; ruína e confusão
Cercando o povo num abraço forte...

Enquanto alheio ao fogo, à plebe, à ira,
Nero declama, em gôzo, uma canção,
Enquanto notas vai teendo a lira...

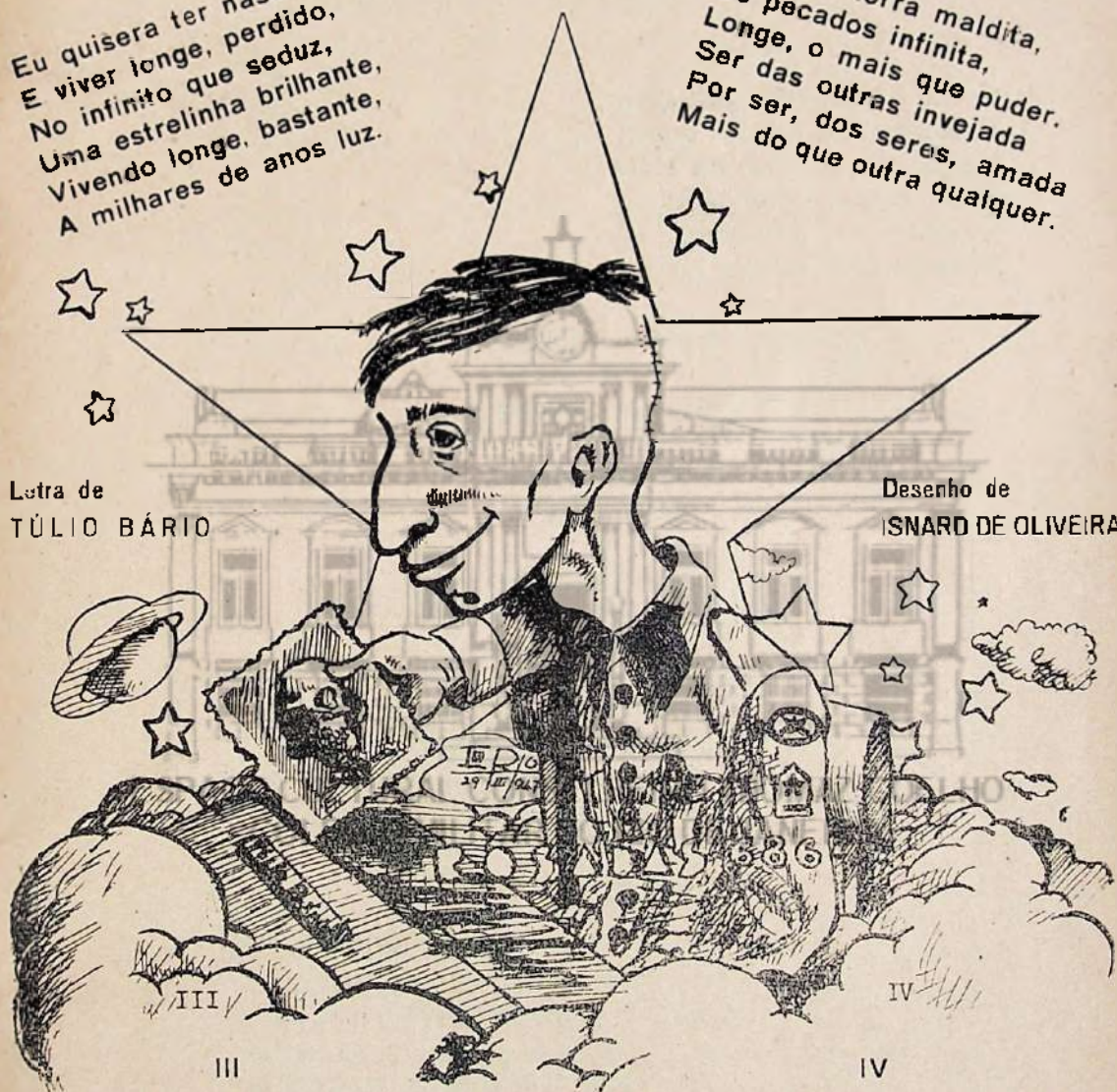
QUERO SER ESTRÊLA

I
Eu quisera ter nascido,
E viver longe, perdido,
No infinito que seduz,
Uma estrelinha brilhante,
Vivendo longe, bastante,
A milhares de anos luz.

II
Viver da terra maldita,
De pecados infinita,
Longe, o mais que puder,
Ser das outras invejada
Por ser, dos seres, amada
Mais do que outra qualquer.

Letra de
TÚLIO BÁRIO

Desenho de
ISNARD DE OLIVEIRA



III
Viver, no infinito, errante
Qual cortezà elegante,
A seduzir os cometas.
Ir beijar co'a minha boca,
Desejosamente louca,
A boca de outros planetas.

IV
Quero ser mais desejada
Procurada e profanada,
Que, do ouro, uma pepita.
Ser estrêla concubina,
Do universo a Messalina,
Dos deuses a favorita.

Paisagem de minha terra

Moacyr Penha RIBEIRO

Como é bela esta paisagem,
Paisagem da minha terra!
Enquanto, no alto da serra,
Entre ramos e folhagens
Admiro esta paisagem,
Paisagem de minha terra...

O pássaro corta o espaço
Sob o sol de que êle gosta,
E alegre sempre se mostra,
Quando os raios são um laço.
Como é bela esta paisagem,
Paisagem de minha terra!

Se a brisa me acaricia
Com o seu ar refrescante,
Sou logo como estudante
Quando o mestre o elogia.
Lá longe a ave só, canta,
Soltando nota eloquente,
E a gente aí sempre sente
Que é a alegria que descanta.
Como é bela esta paisagem,
Paisagem de minha terra!

Com seus rios borbulhantes,
Sempre pelo seu percurso,
Seguindo direito o curso
E suas belezas incessantes...
Se um salto se aproxima,
As suas águas se agitam,
Parecendo que elas gritam
Que vão cair lá de cima.
Como é bela esta paisagem,
Paisagem de minha terra!

LÍNGUA PORTUGUÊSA

Cleverson da Silva Gomes

O' língua de meus pais, de meus avós,
Às novas gerações de novos sóis,
Quero legar-te, intacta e pura e amada,
Para que esplendas com fulgir de estrêla,
"Última flor do Lácio, inculta e bela",
Relicário de história consagrada!

Quero que fiques na Posteridade,
Qual legado de santa heroicidade
De quem lutou para manter-te pura!
Nunca hei-de querer-te dar adeus,
Pois sei — valham-me os céus, valha-me
[Deus —
Que no epitáfio estarás da sepultura!



SONHEI CONTIGO

Helinton de Alvarenga

Sonhei contigo em dias já distantes,
Para esquecer a saudade fragosa
Que chora, dentro de mim, tão torturosa,
Como punhais cruéis, dilacerantes.

Sonhei contigo: lágrimas rolantes
Cobriam tua face setinosa...
Desabrochando em pétalas de rosa,
Dois belos olhos, divinos, brilhantes...

Um pouco de feliz e de tristonho,
Sabia que era só um simples sonho,
E têm todos os sonhos mesmo fim...

Quando acordei — felicidade minha! —
Não era um sonho que meu peito tinha...
Tu estavas mesmo, bem perto de mim!



Duas palavras sôbre poetas patricios

Iniciando esta seção, salarei aos caros colegas, que são românticos e apreciam a poesia, sôbre o grande poeta brasileiro que foi Olavo Bilac.

Olavo Braz Martins Guimarães Bilac foi um dos valorosos poetas de nossa terra. Ele, com Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, forma a trindade parnasiana.

Foi orador, jornalista e grande e apreciado cronista. Pertencia à Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a poltrona de Gonçalves Dias.

No ano de 1905 escreveu, de parceria com Guimarães Passos, o excelente tratado de versificação.

O imortal poeta nasceu no Distrito Federal a 16 de dezembro de 1865 e faleceu a 28 de dezembro de 1918.

Segue-se uma poesia desta figura consagrada de poeta:

ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO
VIA LÁTEA

"Ora (dizeis), ouvir estrêlas! Certo
Perdeste o senso! "E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto. . .

E conversamos tôda a noite, enquanto
A Via Látea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do Sol, saudoso e em pranto,
Inda as procura pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Têm o que dizem quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las.
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrêlas."

Colaboração de "MISS STAR".

«Sursum Corda»

Cleverson da Silva Gomes

Que transcendental lição de espiritualismo e amor à arte deu Milliet ao mundo, do alto do seu profundo saber!

Quando interrogado por uma aluna sobre o que o inspirava na confecção das suas obras-primas, aquêle mestre exponencial da pintura francesa preferiu quedar na sua modéstia, escapando-lhe apenas dos lábios um ensinamento que os seus pósteros jamais ousaram olvidar:

— Sursum corda!

.....

Hoje o mundo se deblatera na incompreensão, esquecidos todos da beleza, da arte, do espirito. Lutam os homens por uma paz de miragem, que nunca chega e é sempre um sonho de alquimia. De novo — como prova irrefutável de que a história se repete — a Terra está fremin-do em convulsões.

E do fundo da noite, do Além-túmulo, Milliet brada com tôda a força dos pulmões:

— Sursum corda!

Mas aquela voz de idealista, que é um hino de paz e harmonia, perde-se pelas quebradas das regiões do sem-fim, porque o ruído das guerras e dos conflitos está berrando mais alto, com o seu vociferar de metralha, de sangue e destruição.

Eu quero falar à humanidade e quero que a minha bôca se faça veículo da voz do grande mestre:

— Sursum corda!

Sim, "sursum corda", pois só com o coração elevado se atingirá a meta a que se visa.

Mais uma vez, humanidade! uma vez mais: Sursum corda!...

Saimos de uma luta ferrenha e fratricida que ficará gravada com sangue, em etras purpurinas, nos anais da história. Ainda assim se cogita de uma nova guerra, mais ferrenha, mais fratricida, mais monstruosa.

Já que vencemos a guerra com a guerra, é imprescindível que imponhamos a paz com a paz, pois só com esta se coadunam os princípios que esposamos. E estes princípios, havemos de defendê-los, com a mente e o coração voltados para a legenda que nos foi legada pelos pioneiros de antanho, e que devemos conservar nos tempos hodiernos, na obrigação de a deixarmos intacta à posteridade. "Libertas quae sera tamen".

Disse um grande orador contemporâneo que "o presente é um minuto finito entre dois grandes infinitos: o passado e o futuro". Disse-o bem, e me permito repeti-lo, evocando os exemplos do passado, que hão de conduzir o presente ao futuro.

Verdade patente, platônica, insofismável, é que esta existência que vivemos é uma gigantesca guerra com interregnos pacifistas. Aproveitemos, portanto, "êste presente de ocasos e ruínas", êste "minuto finito", que tão cedo fugirá nas asas do tempo — pois que somos dos que creem nos sonhos de alquimia, no advento bem próximo de um porvir de concordia.

Queremos semear, para os colher frutos, os ideais áureos de uma paz duradoura que acreditamos alcançar, alicerçados na lição do Nazareno:

— Bendito seja Deus nas Alturas e haja paz na Terra, entre os homens de boa vontade!

VIAGEM DE FÉRIAS

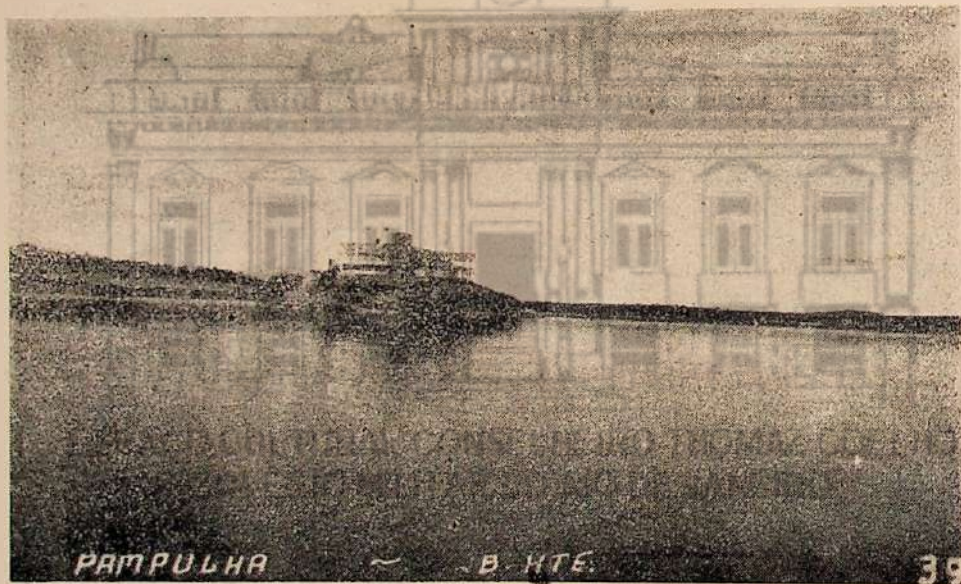
Ao término de mais um ano letivo, parti para a vizinha cidade de Belo Horizonte, em busca de um reparador descanso, de que nos sentimos ávidos, depois da época fatigante dos exames, em que as emoções e os esforços despendidos se conjugam para nos consumir as energias.

Foi nesta ocasião que encetei a longa e deliciosa viagem de 16 horas, para vencer a distância que me separava da capital mineira.

Logo que o trem abandonava os últimos subúrbios do Rio, e que a paisagem

plantações, vegetação. Logo, porém, que a composição se internava pelo interior mineiro, os rios começaram também a fazer parte da paisagem, ora acompanhando a linha férrea, ora passando por sob seus dormentes. As águas barrentas do Paraibuna prendiam a atenção dos passageiros, que se entretiam deliciosamente com a paisagem.

O comboio corria, ora loucamente, quando descia algum suave declive, ora em marcha vagarosa e penosa, quando arastava montanha acima sua longa cauda



começava a tomar aspecto rural, a vista que se descortinava tomava a feição que teria durante todo o resto da viagem, sem alterações de grande vulto.

A vegetação se estendia a perder de vista, por sôbre colinas suaves ou montanhas mais altas. Era um mato ralo que, visto do trem e balouçado pelo vento, tomava um aspecto ondulante e lembrava, na côr e no movimento, a verde imensidão do mar.

Afora as raras estações que, de quando em vez, apareciam, não se viam senão

de mais ou menos uma dezena de vações.

Aqui e ali viam-se casebres, onde moram, provavelmente, agricultores, aquêles homens que arrancam da terra o alimento para os seus semelhantes das cidades, que no entanto nem se lembram dêles.

Das estações que se sucediam, em algumas o trem parava, as mais importantes, creio eu. Não mais que grupos de uma meia dúzia de casas, onde devem morar os cultivadores das terras circunvizinhas. Notava-se nestas aldeias a mais acentuada

humildade. E, pelo pouco que se podia ver, aquela gente tinha também um grande coração, como sói acontecer com os humildes.

À noite, já próximo a Belo Horizonte, a paisagem não era menos atraente. A passagem da luz do dia para a negrura da noite tem algo de especial, quando se está a bordo de um trem a tóda velocidade. As sombras parecem envolver como uma nuvem de gás, que pouco a pouco se en-

grossa, as formas e os contornos, fazendo-os lentamente desaparecer.

Embora inebriante, a viagem era também causativa, e foi com um sorriso de prazer que os passageiros avistaram as primeiras casas da cidade, tórmo da viagem. Desci do trem e fui gozar as delicias que me proporcionaria a bela capital mineira.

Roberto Angelo de Barros



«Dolor magnus movet me»

(Prof. Almeida Rocha)

E... se eu morresse... se eu morresse agora...
E... se eu deixasse... se deixasse a praga
Da tristeza que punge, fere, esmaga
Todo o meu ser que, perturbado, chora.

E... se eu morresse... se morresse agora...
Ai, nada encontro que prazer me traga
E tudo, tudo vem sangrar-me a chaga,
A mágoa eterna o coração devora.

Sei que padeço, mas não sei que sinto:
Pesar... descrença... ou um anelo extinto...
E continúa sempre a dor infinda.

E... se eu morresse... se morresse agora
E se partisse pela campa fora,
A dor cruel me seguiria ainda.



Expansão

Helinton de Alvarenga

Agora... andando nesta fria estrada,
Levo comigo o manto de um tormento
Desta saudade que tanto acalento.
Eu penso nela, do mundo olvidada.

Vive constante em minha alma isolada
E vive em mim, porque é meu pensamento,
Que eu não esqueço por um só momento,
Porque ela é o guia em tôda esta jornada.

E, se a caminhar, vou respirando o pó,
E' que ela nunca há-de deixar-me só,
Dando-me a luz do encanto de viver.

Na primavera, no romper das flores,
Dela terei os beijos bons de amores,
Porque ela é vida eterna... e é meu ser.



NOITE PERDIDA

Roberto Ângelo de BARROS

A sombra do crepúsculo começava a envolver as formas, e as silhuetas, no céu, que principiava a enegrecer, tinham aspectos fantasmagóricos. A estrada — linha sinuosa em meio ao caos — estendia-se longamente em direção a uma colina distante, onde, alcançando o tôpo, caía, em seguida, bruscamente para o outro lado, dando a impressão de ter sido truncada.

Às margens do poento caminho agigantavam-se os arvóreos troncos, encimados por folhagens espessas. Semi-mergulhada nas trevas, a visão daquele lugar tinha algo de estranho, algo que inspirava insegurança, temor.

Há um vulto na estrada. É um homem. Olha perdidamente para a colina distante, parecendo vislumbrar qualquer coisa. A inquietude que lhe inspira o desértico local parece desaparecer quando avista algo, no cimo do outeiro. Que viu êle? Um outro vulto. Sim, um vulto. Um fantasma? — Talvez. Mas um fantasma que usa saias...

Nosso amigo caminha, agora, com firmeza. A silhueta feminil, quase se confundindo com o céu, o chama, o atrai. A distância é grande, é preciso caminhar. A passos moderados, firmes, o viajor percorre aos poucos o poeirento caminho que se desdobra a seus pés. Apesar das curvas da senda que trilha, não perde, por um instante, de vista, a figura que o arrasta.

As trevas são agora mais densas. Entretanto, mais próxima, já muito próxima, a figura é nítida. A lua começa a despontar, justamente por detrás daquela figura misteriosa.

Chega, por fim, ao seu destino, o caminhante. Pára, e olha demoradamente para a mulher que tem a três passos de si. O que vê é fascinante: curvas bem delineadas de um corpo deliciosamente belo; a tez pálida e suave de um rosto moreno; lábios róseos e convidativos; olhos tão negros, que se confundiam com o negro

da noite. Trajava um vestido preto que, muito justo e colado ao corpo, deixava nua-ta seus maviosos contornos.

A silhueta de um casal delineava-se nítida, contra o disco prateado da lua. Trocaram-se sorrisos. Palavras tentaram sair de duas bocas emudecidas. Aproximam-se. Colam-se as bocas. Um beijo ardente e demorado arrebatava para um mundo etéreo duas criaturas que já não têm noção de si mesmas. Separam-se.

Contra o disco da lua vê-se agora, apenas, a figura de um homem. A outra que lá estivera não fôra senão uma visão quimérica. Tudo aquilo não passara de um longo beijo. Tão longo, que durara tôda a noite.

O sol emanava do horizonte seus primeiros e fulgidos raios. As formas se concretizavam. O viajante avistou, ao longe, uma casinha. Era sua. Lá o esperavam sua mãe e irmãs, que ignoravam a razão da sua ausência naquela noite perdida...

PIADA (?)

Um bêbado chega-se a um guarda e pergunta:

— "Seu" GUARDA... (up)...
"seu" guarda, o senhor me poderia informar... (up)... quantos galos eu tenho... na cabeça?

— Cinco. Porque?

— Puxa faltam ainda... quatro postes... para chegar à casa.

R. Garcia

CHARADAS NOVISSIMAS

1) Não "existem" "colocações" sem "qualidades". 1-2.

2) "Observei" a rápida "contração do "movimento". 1-1.

3) "Acolá", muito longe, a "vida" é "dôce como mel". 1-2.

4) Descubra o "objetivo" "extra" da "figura". 2-2.

MOSQUETEIRO

CABOCLO DO BRASIL

Ouve — Caboclo do Brasil!
Eu vou contar tua bravura,
Vou dizer em grande altura,
Tua existência varonil.
Teu passado tão glorioso.
Valente, forte, aventureiro
Ouve — Caboclo do Brasil!

Tu brasileiro destemido,
Audaz, que de arco e flecha em mão,
Enfrentavas como um leão,
Um feroz tigre inimigo.
Tu que és caboclo brasileiro,
Nosso orgulho trazes contigo.

Caboclo me orgulho de ti!
Oh, quem me dera ser também,
Um índio do tempo além,
Bravo Tapuia ou Tupi.
Oh, quem me dera ser viril
Como um caboclo do Brasil
Como um bravo índio daqui.

Ah... se eu fôsse um índio forte.
Um valente conquistador,
Um caboclo desbravador.
Correria do Sul ao Norte.
Dos bravos seria o primeiro,
Dos valentes o altaneiro,
Orgulharia até a morte.

Quero o meu país primitivo
Quero o seu mundo de palmeiras,
É percorrer as cordilheiras,
Com ar valente e altivo.
Conhecer de frente o Brasil,
Pois hoje só vejo o perfil
Do meu torrão imperativo.

Luís Alberto Souto Maior

VELHO SOLAR

Luis de Guimarães Sobrinho

(Velha casa da velha Taubaté)

É um úmido solar abandonado
Feito de caviúna... Além, distante,
É a escada-mármore um grito triunfante
Da eternidade, ao tempo rude e irado.

Chora, num choro entrecortado
De soluços de gonços, a enervante
E misteriosa porta. E neste instante,
Rouco, crocita um corvo amedrontado.

Lá dentro, dizem todos que fastasmas
Soluçam, clamam em um tom magoado,
Entre aranhóis nojentos e miasmas.

Mas, vendo em ruína tanta glória ausente,
Eu vi no seu presente o seu passado,
Pois seu passado ali se faz presente.

«IN EXTREMIS»

Cleverson da Silva Gomes

Eu sou a tarde que cai desmaiada,
Na esquina turva do último caminho;
É a alvorada que surge orvalhada,
A despertar os pássaros do ninho.

Eu sou Inverno, o velho tão mesquinho,
Que refrigerou a jovem passarada;
Tu és a Primavera, o doce vinho
Aquecedor do frio da internada.

Sou uma estrela que fugiu do céu;
Tu és do firmamento o láteo véu,
É a luz que cintila; eu sou penumbra.

É um anjo que nasce; eu sou de outrora...
Mas te amaria, se nascesses agora,
Pois teu amor meu coração deslumbra.

(Extraído do livro a sair "Cisnes Brancos")

"Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças de aquêlê amor ardente:
Que já nos olhos meus tão puro viste."
(Camões)

Reminiscências

ALDÍLIO SARMENTO XAVIER

Tal como Vênus no Universo, ao despertar da noite ela surgiu, cintilando no azul intenso do céu da minha vida.

Saltitou faceira lá pelo firmamento e, escolhendo o sítio mais árido e menos iluminado, nele estacou, brilhou intensamente e o tornou lindo jardim de luz, onde, então, meus sonhos de criança foram buscar carinhos na fragrância suave das flores e no sabor encantado dos seus frutos.

Algum tempo refulgiu, tímida, ao pé da orgulhosa Galáxia, donde foi reclamada para a pomposa côrte de Deus. Lançou-me o último olhar. Duas lágrimas sentidas rolaram e, cada vez mais se afastando do ninho, descreveu uma formosa parábola e principiou a subida pelo láteo Caminho das Almas.

Quando se foi, ela levou de mim a inteira alegria de viver, o meu amor — toda a luz que me guiava — e eu fiquei abandonado numa escuridade abismal, a meditar tristezas, a chorar saudades, sem o facho do esplendor que antes me guiava nas tormentas e me ajudava a encontrar para nós o abrigo do porto-seguro.

Hoje vivo do silêncio — e no silêncio melancólico — a lembrar tudo o que passou: nossa feliz existência, os folguedos mil, as juras sinceras, o primeiro beijo trocado, o último abraço: enfim, o que era um transbordar perpétuo de felicidade.

Mas, que vale recordar?... Se de há muito tudo já findou, melhor será olvidar... Porém, esquecer é bem difícil.

Não mais adoro a quietude das últimas horas, quando o céu, farrado de nu-

vens alvissimas, semelhando imensa planície glacial em degelo, mostra, tremeluzindo, por entre os cristais que se partem, as miríades de estrelas que hordam a pálida claridade noturna: não mais me encanta o ocaso com suas cintilações ruidosas, o bruxoleio maravilhoso da tarde ao despontar dos primeiros astros, ou os derradeiros acordes da Ave-Maria, a se perderem no dorso luzidio das montanhas esguias, onde o sol modelou muitas cascatas de ouro e púrpura.

A vida sem amor é um deserto imenso, povoado de monstros horrendos, onde se não notam o culto da alegria, a beleza afogueada das rosas ou o hálito adocicado dos jardins floridos.

Coração sem afeito só é comparável aos hediondos páramos avernais, em que tudo são enormes labaredas e perenes jatos de matéria fervente.

O único fio que prende à terra os que perderam o amor, é sempre, ou quase sempre, o medo da morte — que seria o maior consôlo e o mais completo esquecimento, mas que é tido por todos como macabra e solística. Assim, nem todos a desejam como alívio ao sofrimento, preferindo vagar pelo mundo, posto que sentindo cada vez mais fraquejante a cadência dos passos, ao se aproximarem da distância final.

Dêsse modo, se não são vencidos os apetites pela vida, se o medo é indomável e se nos resta apenas a fé — única força que a natureza a ninguém recusa — só podemos sonhar com a ventura, pois, por a havermos já experimentado, a sabemos doce e risonha.

Hoje, nada tenho que alivie o meu tormento. Eis porque padeço. Só então me é fácil perceber a grandeza do que perdi.

A ter o amor e perdê-lo um dia, preferível é nunca tê-lo conhecido. E agora que me restam só alguns passos mais para findar esta triste existência, é quando principio a imaginar tudo o que há além do horizonte, na esperança pequenina de ver o bosque frondoso e perfumado, a cuja sombra hei-de expirar.

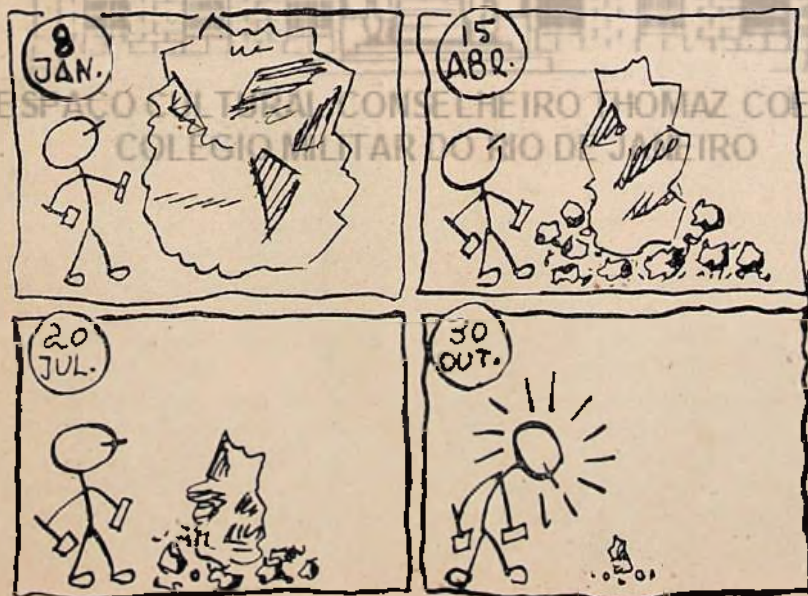
Assim, à medida que o tempo passa, vou mudando levemente de alegre em melancólico, sentindo, nessa transformação, a inconstância da vida, a sutileza do seu segrêdo e o abismo da tristeza de sabê-la improveitosa, como se não existisse a terra sob meus pés e se tudo o que fiz fôsse suscetível de critica, mudança e arrependimento.

No silêncio gélido das tardes do inverno, quando o sôpro tenuíssimo da brisa perpassa, vivante, no tópo das árvores quase despidas, escuto, por entre a brancura inebriante da que cai frouxamente, um sem número de palavras choradas.

Então, o seio harmonioso dêste ego divinal é onde se avulta o arrependimento tardio de todos os que, caminhando por sôbre ondas inquietas do mar da vida, não cuidaram da bússola que lhes mostrasse as diretrizes divinas da justiça e do bem, e, esquecidos do ajuste final, só iluminando sua senda com a lindeza traiçoeira das estrêlas cadentes, foram levados, singrando oceanos bravios, a terras e portos ignotos.

Assim devem sentir-se aquêles que, havendo quase completado o árduo caminho da existência, notam na frente, cansados, uma aragem suave e confortante que, revolvendo, carinhosa, as madeixas de cabelos branquejados pelo tempo, lhes obriga voltar os olhos frios e embaçados, para, então, presos de profunda melancolia, recordarem o que ardentemente desejam olvidar.

E o que vêm atrás não é senão o labirinto intricado, de que só sabemos por onde entramos, no qual nos perdemos (ora num mundo de trevas, ora num mundo de luz), onde se assinala a diferença da sorte dos homens e a que chamam — Vida.



Quintino Bocaiuva

CAUBY PEREIRA DE SOUZA AGUIAR

É Quintino Bocaiuva pouco conhecido. Em geral, sabe-se apenas que o nosso patricio foi um grande jornalista, o grande jornalista da República. Além de tal função, desempenhou muitas outras, obtendo em tôdas sempre o mesmo êxito.

Quando se fala da França, é imprescindível tocar-se no nome de Voltaire, aquêlê que declarou guerra a tôdas as iniquidades sociais dêste mundo. E qual a sua arma? — Aquela que tem a leveza do vento e o poder do raio: a pena! Tal era, também, o instrumento de guerra do nosso ilustre patricio.

Quintino Bocaiuva foi um dos expoentes máximos do jornalismo brasileiro. De 1870 a 1889 dominou o cenário politico brasileiro — e graças exclusivamente à sua prodigiosa pena de jornalista.

Coube-lhe ainda em mérito ser considerado um dos grandes mestres da palavra falada no Brasil. Teve êle primorosos dotes oratórios. Foi um orador à sua maneira: sereno, espontâneo e elegante.

A comparação de Quintino com Voltaire é das mais felizes: ambos viveram para o mesmo ideal, ambos lutaram para consegui-lo, ambos atingiram o objetivo comum, cada um batalhando por sua pátria.

As qualidades de Quintino eram grandiosas.

Quando, por ocasião do movimento pró-proclamação da República, seus irmãos de ideal se reuniram no Campo de Santana, não lhe pareceu justo que, sendo um dos organizadores do golpe-de-estado, se limitasse a apreciar o passo decisivo. Queria êle mesmo correr o ris-

co por que todos passavam. Montou a cavalo, para isso, trazendo as mãos limpas de qualquer arma; aliás, sua arma sempre foi a pena, a pena que, naquele momento, descansava junto ao tinteiro, a pena, com que afinal um dia, satisfeito, assinaria, como Ministro do Exterior do Governo Provisório, o decreto que instituia no Brasil o regime republicano. O triunfo, enfim!

Passou o tempo, e em 1912 a morte o surpreende em plena atividade. E, pouco antes, como derradeiro desejo, pediu que não fôsse de luxo o seu entêrro, que o enterrassem numa cova rasa e tôca, só identificada por um número, num humilde cemitério. Ninguém conteve, porém, as manifestações de pesar sincero e profundo pela sua morte, choradá em todos os recantos do Brasil.

Mestre Quintino! quiseste, naturalmente, traduzir, num grande gesto, no supremo momento, a pureza e a grandeza de teus sentimentos. Renunciaste, mesmo depois de morto, a qualquer recompensa pelos teus serviços, porque eras, antes de tudo, um desinteressado, um idealista, um patriota. Tudo deste à Pátria e dela nada quiseste, dando, assim, um consôlo para todos os que, pobres e humildes, morrem, sabendo de antemão que serão lançados à cova rasa. Antes de ti, os pobres eram tristes. Hoje, não! Os que morrem pobres, irão consolados e orgulhosos. Com os braços levantados para o Criador, poderão dizer: "Em cova rasa, comigo descansam os despojos de uma das maiores glórias do Brasil." E, lembrando o teu gesto, saberão morrer contentes e orgulhosos!



CORREI



Caipira - "Mogo, quanto custa um selo para uma carta ?
Funcion. - Cr\$ 0,40
Caipira - "E para duas ?
Funcion. - Cr\$ 0,80

Caipira - "E para três ?"
Funcion. - "Ora, cada uma leva um selo de 40 centavos"
Caipira - "Ah, então este baralho vai ficar muito caro."

PIADA (?)

Desenho de Isnard C. de Oliveira - 78

Texto de Wilmar Barros - 94

Quando eu amar, sim, serei louco e tido,
Que até sufocarei meu coração
No desejo de amar e ser amado.
Quando eu amar, serei uma foguetra,
Em que crepitem sempre, a vida inteira,
As chamas de um amor desenfreado.

Quando eu amar — nem quero saber quando —
Só viverei e morrerei amando,
Na loucura gostosa de um amor.
Amarei para sempre, assim, tão crente,
Que serei simples anjo penitente,
Amando a minha deusa, com fervor.

Mas quero ser, quando eu amar, eu quero
Por fora ser compenetrado e austero,
No fundo — um louco de desejo e ardor,
A fim de que as mulheres só me amem
Por amor ao amor, e só me chamem
Para amar e mais nada, para o amor.

Quando eu amar . . .

[Extraído do livro a sair *Cisnes Brancos*]

E o meu amor será transcendental:
Será tão grande, enorme, colossal,
Que alcançará o próprio infinito.
Mas será coisa etérea — uma ilusão —
E habitará a quarta dimensão.
Será desesperado como um grito.

Meu amor serei eu e será ela;
Desencadear-se-á como a procela
E durará p'ra toda a eternidade.
Quando eu morrer, o amor irá comigo,
Pois será então o meu único amigo
Capaz de tão extrema lealdade.

O meu amor será na minha história
Uma coisa fantástica, irrisória,
De que muitos rirão com irrisão,
Mas rirão, sim, por serem pequeninos
P'ra compreender o tão cruel destino
Que tem um louco, assim, de amar em vão.

Ria, pois, quem quiser, do meu amor,
Mas verei com prazer o irrisor
Sofrer nas mãos cruéis de uma mulher.
Eu, que conheço o mundo, sei tão bem
Que aquêla que nos ri com tal desdém
É quem inveja a nossa vida e a quer.

Cleverson da Silva Gomes

PRIMEIRO BEIJO

*Já é noite. No quadro da janela,
O teu rosto parece que inda vejo.
Jamais pintor algum terá ensejo,
Garanto, de pintar tão linda tela.*

*Num olhar que trocamos, o desejo
De juntar nossas bocas se revela.
E porque eu te vendo assim tão bela
Deixaria, meu bem, de dar-te um beijo?*

*Beijamo-nos então a vez primeira;
Fizemo-lo, porém, de tal maneira
Que não pude deixar de pedir bis.*

*Outra vez nos beijamos, e outra ainda,
Tu, parecendo cada vez mais linda,
Cada vez me sentindo, eu, mais feliz.*

DESEJO INSATISFEITO

*— Dez e meia... Já vou minha querida.
Eu te disse, ao partir, não escutaste?
E quando a minha mão tu apertaste,
Compreendi quanto dói a despedida.*

*Deixando a minha mão à tua unida,
Longo tempo fiquei, não reparaste?
Procurei, e também tu procuraste,
Retardar o momento da partida.*

*De repente, fitei, louco de amôres,
Teus lábios; pareceram tentadores!
Por pouco não contive o meu desejo*

*De abraçar-te ali mesmo, na rua,
Que não tinha sequer a luz da lua,
E calorosamente dar-te um beijo!*

Um trocadilho de Emílio de Menezes

*Guimarães Passos, célebre poeta,
Como se sabe, era tuberculoso,
Mas sua mente, sempre irrequieta
Buscava um meio de lhe dar repouso.*

*Um "Tratado de Versificação"
Escreveu, para conseguir dinheiro.
Podia, assim, sem muita amolação,
Viajar, pela Europa, em bom cruzeiro.*

*Ao sabê-lo, na porta da Colombo,
Lugar onde era visto muitas vezes,
Fingindo dó, mas pronto a dar um tombo,
Comentou Emílio de Menezes:*

*— Pobre Guima! Está sempre atarejado,
Sempre às voltas com o caso do pulmão!
Pois, desde que o conheço, que o coitado
Tem "tratado de ver se fica são".*

DEFINIÇÃO — O "Canto" é a maneira
mais berrante de contrair inimizades com os vi-
zinhos.

Joasildo e Locarvino

Por HUGO

Joasildo e Locarvino
São dois amigos do peito.
Um, a idéia do outro,
Sempre acata com respeito.



Certa tarde, da Escola,
Vinha a dupla bem contente!
Quase aos saltos, de alegria,
Algo viram de repente.

Estavam neste momento
No cemitério passando!
Notaram então um coqueiro
P'ra fora se debruçando.

Carregado como estava
Um convite lhes fazia:
— “Tirar alguns de meus côcos
Que mal a vocês faria?”

Balançaram bem a árvore
Até que surgiu a lua.
Então Joasildo disse:
— “Caíram dois lá na rua!”

Dezoito horas já eram,
— “Um p'ra mim; um p'ra você...”
A divisão começou:
— “Um p'ra mim; um p'ra você...”

Lá fora um rapazola
Esperando a namorada...
— “Um p'ra mim; um p'ra você...”
... Ouviu de cara espantada.

Querendo certificar-se
Serem as vozes reais
Convidou, para ouvi-las,
Um outro belo rapaz.

— “Será que eles estão
As almas a separar?”
— “Um p'ra mim; um p'ra você...”
— “Esperemos terminar!”

Acabando a divisão,
Disse um deles, sem demora:
— “Agora vamos buscar
Aqueles dois lá de fora!”

Ainda hoje a garôta,
Do primeiro rapazola,
Não sabe ainda o motivo
Porque êle deu o “fora”!

O outro também fugiu
E foi bastante assustado!
Joasildo e Locarvino
Passam bem, muito obrigado!!!

